



ANA SOFIA PINHO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM EDIÇÃO NO GRUPO
EDITORIAL LEYA**



ANA SOFIA PINHO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM EDIÇÃO NO GRUPO
EDITORIAL LEYA**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizado sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família por todo o apoio que me deu ao longo da minha vida acadêmica.

o júri

presidente

Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

Prof.^a Doutora Ana Maria Martins Pinhão Ramalheira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

Licenciada Sara Esteves Wunderly Gomes de Almeida
Reconhecida como especialista pela Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço à Administração do Grupo Editorial LeYa por ter proporcionado este Estágio.

Agradeço à Dr.^a Sara Gomes, minha Coordenadora de Estágio, e à equipa da Texto Editores pelo acolhimento e orientação.

O meu percurso académico foi enriquecido por vários professores, a quem estou deveras agradecida. Todavia, neste caso, sinto a necessidade de destacar a amizade, apoio e empenho da Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira, cujos ensinamentos, conselhos, acompanhamento e acribia tornaram este relatório uma realidade.

palavras-chave

Texto Editores, estudos editoriais, processo editorial, avaliação de originais, revisão textual, mercado editorial.

resumo

Tendo como base os conhecimentos adquiridos ao longo do Mestrado em Estudos Editoriais, o presente trabalho propõe apresentar o Grupo Editorial LeYa, nomeadamente a Texto Editores Adultos, e relatar criticamente as actividades que nela desenvolvi no âmbito do Estágio curricular enquadrado no Mestrado em Estudos Editoriais, que decorreu de Outubro de 2009 a Abril de 2010.

keywords

Texto Editores, publishing, editorial process, manuscript evaluation, textual revision, book market.

abstract

Based on the knowledge acquired during the Masters in Publishing, this report intends to introduce *Grupo Editorial LeYa*, namely *Texto Editores Adultos*, and analyze critically the activities that I performed in this publishing house during the curricular internship of six months, from October 2009 to April 2010.

Índice

Índice de figuras	15
Introdução.....	17
Parte I – O organismo de acolhimento.....	19
1 Historial da Texto Editores, o organismo de acolhimento do Estágio	21
1.1 A Texto Editores antes da sua integração no Grupo Editorial LeYa	21
1.2 A Texto Editores após a sua integração no Grupo Editorial LeYa	25
1.2.1 Caracterização sucinta das editoras do Grupo Editorial LeYa	26
1.2.2 Algumas opiniões sobre a «Revolução Editorial»	30
Parte II – O processo editorial. Estágio e tarefas desenvolvidas	33
2 Processo editorial	35
3 Tarefas desenvolvidas durante o Estágio	36
3.1 Leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres.....	36
3.1.1 Capas das propostas de publicação que entretanto foram publicadas.....	39
3.1.2 Capas das obras que li e redigi um parecer	41
3.1.3 Comentário crítico	45
3.2 Revisão de provas	47
3.2.1 Capas das obras de que elaborei a respectiva contraprova.....	51
3.2.2 Comentário crítico	53
3.3 Análise de informação na imprensa especializada.....	57
3.4 Tradução de artigos e outros textos.....	57
3.5 Proposta de texto para contracapa.....	58
3.6 Pesquisas de obras por temas e recolha de obras para reedição	59
3.6.1 Comentário crítico	60
4 Apreciação global do Estágio	61
5 Bibliografia	64
5.1 Webgrafia	66
5.2 Propostas de publicação que analisei e que entretanto foram publicadas	67
5.3 Obras que li e sobre as quais redigi um parecer.....	67
5.4 Obras de que elaborei a respectiva contraprova	68
5.5 Artigos traduzidos	68
6 Anexos.....	69

Índice de figuras

Fig. 1 O sistema tradicional de criação de valor na edição de livros (Dubini, 2001)	35
Fig. 2 <i>Distúrbios Alimentares</i> , Texto Editores, 2010	39
Fig. 3 <i>Pessoas Transparentes</i> , Almedina, 2010	39
Fig. 4 <i>A Verdade Desconhecida</i> , Editora Objectiva, 2010.....	39
Fig. 5 <i>Angola - A Segunda Revolução</i> , Sextante Editora, 2010	39
Fig. 6 <i>Novo Paradigma de Investimento Imobiliário</i> , Sabedoria Alternativa, 2010	40
Fig. 7 <i>Dislexia</i> , Texto Editores, 2010	40
Fig. 8 <i>Feminismos</i> , Texto Editora, 2011	40
Fig. 9 <i>Eating Disorders</i> , Oxford University Press, 2008	41
Fig. 10 <i>Petites Histoires de Mots</i> , Pere Castor, 2003	41
Fig. 11 <i>The Numerati</i> , Vintage, 2008	41
Fig. 12 <i>Alex's Adventures in Numberland</i> , Bloomsbury Publishing Plc, 2010	41
Fig. 13 <i>Living With Diabetes</i> , Oxford University Press, 2008.....	41
Fig. 14 <i>The Unheard Truth</i> , W. W. Norton & Company, 2009	41
Fig. 15 <i>Univers Parallèles</i> , Seuil, 2010	42
Fig. 16 <i>Born Liars</i> , Quercus Publishing Plc, 2011	42
Fig. 17 <i>What Works</i> , HarperCollins Publishers, 2010	42
Fig. 18 <i>Little Book of Big Ideas: Science</i> , A & C Black Publishers Ltd, 2006.....	42
Fig. 19 <i>Duelos & Atentados</i> , Quimera, 2004	42
Fig. 20 <i>The Everyday Activist</i> , Pan MacMillan, 2007	42
Fig. 21 <i>Portugal in European and World History</i> , Reaktion Books, 2009.....	43
Fig. 22 <i>The Peninsular War - a Battlefield Guide</i> , Pen & Sword Books Ltd, 2009	43
Fig. 23 <i>Dyslexia – The Facts</i> , Oxford University Press, 1998	43
Fig. 24 <i>O Marquês de Pombal - O Homem, o Diplomata e o Estadista</i> , 1987.....	43
Fig. 25 <i>Little Book of Bid Ideas: Philosophy</i> , A & C Black Publishers Ltd, 2006	43
Fig. 26 <i>Lo Que El Mundo Le Debe A Espanã</i> , Ariel, 2009.....	43
Fig. 27 <i>Acreditar no Futuro</i> , Texto Editores, 2009	51
Fig. 28 <i>Império, Nação, Revolução</i> , Texto Editores, 2009	51
Fig. 29 <i>O Estado Novo de Salazar</i> , Texto Editores, 2009	51
Fig. 30 <i>O Estado Popular de Hitler</i> , Texto Editores, 2009	51
Fig. 31 <i>A Questão Religiosa no Parlamento (1821-1910) – Vol. 1</i> , Texto Editores, 2009 ..	51

Fig. 32 <i>Mariano Cirilo de Carvalho – O «Poder Oculto» do Liberalismo Progressista (1876-1892)</i> , Texto Editores, 2010.....	51
Fig. 33 <i>Os Procuradores da Câmara Corporativa (1835-1974)</i> , Texto Editores, 2009	52
Fig. 34 <i>Guerras de Jasmim e Mogarim</i> , Texto Editores, 2011	52
Fig. 35 <i>SNC Comentado</i> . Texto Editores, 2009	52
Fig. 36 <i>Seis Estudos de Psicologia</i> , Texto Editores, 2010.....	52
Fig. 37 <i>Os Três Imperadores</i> , Texto Editores, 2010	52

Introdução

O Estágio Curricular que realizei em Lisboa, na Texto Editores, Lda., uma das editoras do Grupo Editorial LeYa, integra-se da fase final do Curso de Mestrado em Estudos Editoriais, que iniciei em Setembro de 2008, na Universidade de Aveiro. Este Estágio, que teve a duração de 6 meses, de Outubro de 2009 a Abril de 2010, deu-me a oportunidade de trabalhar em vários sectores da actividade editorial, complementando assim a formação teórica que adquiri em diferentes áreas, quer ao longo da Licenciatura em Estudos Editoriais, que concluí igualmente naquela mesma Universidade, quer ao longo da parte escolar do presente Curso de Mestrado.

Durante o supramencionado Estágio, desempenhei funções de Assistente Editorial sob orientação da Dr.^a Sara Gomes, Editora da Texto Editores, tendo sido igualmente acompanhada pela Ana Beatriz Santos, assistente da Dr.^a Sara Gomes. A Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira, da Universidade de Aveiro, foi supervisionando igualmente a evolução do meu Estágio, mediante contactos regulares que foi mantendo comigo própria e com a Dr.^a Sara Gomes.

Na primeira parte deste relatório, faço o historial da Texto Editores, enquadrando-a no panorama editorial português, antes da sua integração no Grupo Editorial LeYa. De seguida, ensaio uma apresentação da Texto Editores após a sua integração naquele Grupo Editorial, referindo as principais transformações operadas. Concomitantemente, vou traçando o perfil do Grupo Editorial LeYa, mencionando os seus objectivos, a sua missão e a forma como funciona.

A descrição das diferentes tarefas que realizei ao longo do Estágio e respectivo comentário crítico figuram na segunda parte do presente relatório.

Na parte final do relatório, procedo a uma apreciação global do Estágio, tendo como linha orientadora o Plano de Estágio inicial. Tentarei demonstrar até que ponto é que este foi cumprido, sublinhando as necessárias adaptações de que foi alvo ao longo do trabalho que fui desenvolvendo *in loco* na Texto Editores.

Permita-se-me uma última observação marginal, apenas para sublinhar que o presente relatório foi redigido de acordo com a antiga norma ortográfica.

Parte I – O organismo de acolhimento

1 Historial da Texto Editores, o organismo de acolhimento do Estágio

1.1 A Texto Editores antes da sua integração no Grupo Editorial LeYa

A Texto Editores, que se encontra no mercado editorial português desde Abril de 1977, é uma empresa que se dedica à edição e distribuição de livros, tendo iniciado a sua actividade na área dos livros didácticos. Actualmente publica obras dirigidas a todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário, disponibilizando também manuais para o ensino profissional.

O crescimento da Texto Editores levou, em 1983, à criação de três novas empresas: a DISTEXTO, cuja principal actividade é a promoção e distribuição de livros escolares da Texto Editores; a PUBLILIVRO, que distribui livros das edições gerais e produtos multimédia da Texto Editores e de outras editoras; e a MAJOFER, que presta serviços nas áreas financeira, contabilística, informática e de pessoal.

Os primeiros passos na publicação na área não-escolar, nomeadamente, na ficção infanto-juvenil e adulta e não-ficção, foram dados em 1986, no âmbito de uma estratégia editorial desenvolvida em consonância com as necessidades do mercado.

Em 1994, a Texto Editores passa a ocupar o segundo lugar no *ranking* das editoras escolares portuguesas, a seguir à Porto Editora, sendo também a representante portuguesa junto da *European Educational Publishers Group* (EEPG),¹ uma rede europeia de editores de livros escolares, fundada em 1991, com o intuito de incentivar a produção de co-edições entre os seus membros. Actualmente, integram a EEPG 24 países europeus, sendo somente admitido um representante por país.

No sentido de responder às exigências do mercado, a Texto Editores lançou em 1995 uma linha editorial vocacionada para dicionários e enciclopédias, apelidada de linha UNIVERSAL,² que é considerada uma referência nesta categoria de produtos editoriais. No mesmo ano, é lançada pela Texto Editores a MEDIABOOKS, a primeira livraria virtual portuguesa.³ A MEDIABOOKS permite, de forma cómoda e segura, adquirir todos os títulos do catálogo da Texto Editores. Após a integração da Texto Editores no Grupo Editorial

¹ Veja-se o sítio da EEPG na internet: <http://eepg.org/aims-objectives/> (consultado em 02/06/2010).

² Veja-se o sítio da linha UNIVERSAL na internet: <http://www.universal.pt/main.php?id=4> (consultado em 16/06/2011)

³ Veja-se o sítio da MEDIABOOKS na internet: <http://www.mediabooks.com> (consultado em 26/05/2010).

LeYa, a MEDIABOOKS tornou-se a livraria virtual do grupo, disponibilizando, assim, um vasto catálogo editorial, em papel e/ou formato digital (*ebook*), que integra obras literárias (romance, poesia, etc.), técnicas, escolares, de apoio escolar, bem como dicionários, entre outras. Ao completar o seu 15.º aniversário a MEDIABOOKS modernizou-se e alinou o seu estilo de *design* com os parâmetros gráficos da marca LeYa. A plataforma em apreço foi inclusivamente agraciada, em Fevereiro de 2011, com o Prémio Especial do Júri dos Prémios de Edição LER/BOOKTAILORS,⁴ na categoria de Inovação.

Em Maio de 1998, a Texto Editores obteve da Associação Portuguesa de Certificação (APCER)⁵ — entidade que lidera o mercado na certificação em Portugal há mais de uma década — a certificação do seu Sistema de Gestão da Qualidade, segundo a Norma NP EN ISO 9001,⁶ tornando-se assim a primeira editora portuguesa oficialmente certificada. A ISO (*International Organization for Standardization*), fundada em 23 de Fevereiro de 1947, em Genebra, na Suíça, é a maior entidade internacional responsável pelo desenvolvimento e publicação das normas internacionais em todos os campos técnicos.⁷ Em Maio de 2003, a DISTEXTO e a PUBLILIVRO obtêm do mesmo organismo a certificação dos seus Sistemas de Gestão da Qualidade, segundo a norma ISO 9001: 2000,⁸ que resulta da revisão da norma acima referida, revisão essa realizada com o objectivo de facilitar a sua interpretação e aplicação nos vários países que adoptaram.

Em 2001, é criada pela Texto Editores uma nova linha editorial, especialmente direccionada para a literatura portuguesa. Do catálogo das obras publicadas constam *Os Maias*, de Eça de Queirós (1845-1900), *O Livro de Cesário Verde*, de Cesário Verde (1855-1886), *Os Meus Amores*, de Trindade Coelho (1861-1908), *A Escala do Olhar*, de Eduardo Prado Coelho (1944-2007), entre outros.

Naquele mesmo ano, a Texto Editores enceta uma nova linha de publicações, chamada Linha Júnior,⁹ que incide sobre materiais para o Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino

⁴ Sobre os Prémios de Edição, veja-se <http://premiosdeedicao.blogs.sapo.pt/> (consultado em 10/03/2011).

⁵ Veja-se o sítio da APCER na internet: <http://www.apcer.pt/index.php> (consultado em 25/05/2010).

⁶ Esta norma, elaborada pelo Instituto Português da Qualidade (IPQ), especifica os requisitos para um sistema de gestão da qualidade de uma organização, considerando o esforço da organização em assegurar a conformidade dos seus produtos e/ou serviços, a satisfação dos seus clientes e a melhoria contínua.

⁷ A ISO é constituída por 162 membros, um por país. Em Portugal, a entidade responsável pela ISO é o Instituto Português da Qualidade (IPQ). Veja-se o sítio da ISO na internet: <http://www.iso.org/iso/home.htm> (consultado em 16/06/2011).

⁸ Veja-se o sítio do IPQ na internet: <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?modid=1576&pagid=3352> (consultado em 25/05/2010).

⁹ Veja-se o sítio da Linha Júnior na internet: <http://www.junior.te.pt/servlets/Home> (consultado em 24/05/2010).

Básico. Esta colecção de pressa ganhou notoriedade no meio editorial, devido à reconhecida qualidade dos seus conteúdos.

O processo de internacionalização da Texto Editores foi realizado ao longo do tempo. Na verdade, esta é uma das editoras portuguesas com maior presença nos mercados africanos emergentes, bem como noutros mercados estrangeiros, nomeadamente no espanhol e no brasileiro. Os primeiros passos foram dados em 1996, com a criação da Texto Editores–Moçambique,¹⁰ a principal editora privada de livros didácticos neste país africano, com sede em Maputo. Apresenta como missão contribuir para o desenvolvimento da Educação e do gosto pela leitura através de uma produção média anual de mais de vinte milhões de exemplares, de materiais escolares e didácticos.

Em 2001, é criada a Texto Editores–Cabo Verde, com sede na cidade da Praia. Sobre esta sucursal, apesar dos esforços envidados, não logrei obter mais informações.

Com sede no Talatona Park, município da Samba, província de Luanda, a Texto Editores–Angola, fundada e registada em Luanda em 1997, é especializada na concepção, produção e distribuição de materiais escolares, didácticos e técnicos.¹¹

No Verão de 2005, a Texto Editores encetou a sua actividade em Espanha, com sede em Madrid, que edita vende e distribui livros e outras publicações multimédia. Tanto quanto pude apurar, esta editora já não existe desde 2006.

A mais recente empresa internacional da Texto Editores iniciou a sua actividade no final de 2006, no Brasil. A Texto Editores–Brasil tem como principal actividade a edição e distribuição de livros de edições gerais.

Em 2007, a Texto Editores passou a integrar o Grupo Editorial LeYa. Esta integração constituiu uma viragem no percurso daquela casa editora, sobre a qual me debruçarei de seguida.

¹⁰ Veja-se o sítio da Texto Editores – Moçambique na internet, onde pode ser consultado o respectivo catálogo: <http://mz.textoeditores.com/> (consultado em 15/06/2011).

¹¹ Veja-se o sítio da Texto Editores – Angola na internet, onde pode ser consultado o respectivo catálogo: <http://www.leya.co.ao/gca/?id=222> (consultado em 15/06/2011).

1.2 A Texto Editores após a sua integração no Grupo Editorial LeYa

Em 2007, a Texto Editores foi adquirida pelo Grupo Editorial LeYa, como já acima referi (*vd., supra*, Introdução e 1.1.). Numa entrevista que deu à revista *Os Meus Livros*, o administrador-delegado da LeYa, Isaiás Gomes Teixeira, justificou nos seguintes termos a então recente aquisição da Texto Editores:

Tínhamos uma estratégia para atacar dois mercados, o livro escolar e as edições gerais. [...] No livro escolar, surgiu a hipótese de comprarmos a Texto Editores, a segunda editora deste segmento [...] Começámos com a Texto Editores porque tinha enormes vantagens: era uma empresa muito sólida financeiramente, completamente consolidada no mercado e que cedo apostou nos mercados de língua portuguesa em África, onde tem uma posição de destaque. [...] Logo a compra da Texto Editores não tem só a ver com o seu posicionamento em Portugal, mas com todo o posicionamento global. (Fev. 2008: 51).

O Grupo Editorial LeYa, apresentado oficialmente no dia 7 de Janeiro de 2008, é uma empresa *holding* que integra, a nível nacional, as seguintes empresas:

- Academia do Livro,
- ASA,
- BIS,
- Caderno,
- Caminho,
- Casa das Letras,
- D. Quixote,
- Estrela Polar,
- Gailivro,
- Livros d'Hoje,
- Lua de Papel,
- Novagaia,
- Oficina do Livro,
- Quinta Essência,
- Sebenta,
- Teorema e
- Texto Editores.

Este grande grupo editorial ocupa uma posição de liderança no segmento das chamadas edições gerais e uma posição de co-liderança no segmento das edições escolares, que continua a ser liderado pelo Grupo Porto Editora.

No plano internacional, o Grupo Editorial LeYa detém duas das mais prestigiadas editoras da África Lusófona. Em Angola, é proprietária da Editorial Nzila e, em Moçambique, da Ndjira, ocupando nestes dois países uma posição dominante no mercado das edições escolares e das edições gerais.

O Grupo Editorial LeYa está também, desde 2009, presente no Brasil, no mercado das chamadas edições gerais através de duas marcas. No Brasil o Grupo Editorial LeYa adota a sua marca também como chancela editorial. A Lua de Papel é a outra marca do grupo que também publica no Brasil.

Um dos lemas do Grupo LeYa é que, apesar da integração no grupo, as linhas editoriais das diversas marcas não sejam alteradas, nomeadamente no que diz respeito à sua política editorial, isto é, as suas publicações e projectos continuam a ser desenvolvidos de forma autónoma e independente. Há no entanto uma partilha de sinergias ao nível da produção, logística e áreas de suporte. Por exemplo, com a sua integração na LeYa, todas as editoras nacionais mudaram de instalações, estando agora sediadas em Alfragide.

1.2.1 Caracterização sucinta das editoras do Grupo Editorial LeYa

Fundada em 1951, a ASA dedicou-se inicialmente à edição de livros escolares. Mais tarde passou a publicar edições destinadas a um público mais vasto, tornando-se uma referência na publicação de literatura portuguesa e estrangeira. A ASA tem, também, um dos melhores catálogos de BD da Europa e é líder incontestada no mercado português.¹²

Com origem em 2008, a BIS foi a primeira marca a ser criada no seio do Grupo Editorial LeYa. Aposta na publicação dos grandes sucessos editoriais, clássicos e contemporâneos, em formato de livro de bolso.¹³ A colecção da BIS caracteriza-se por ser relativamente acessível a camadas menos favorecidas do público-leitor, pois as obras que

¹² Veja-se o sítio da ASA e respectivo catálogo na internet: <http://www.asa.pt/home.php> (consultado em 22/06/2011).

¹³ Veja-se o sítio da BIS e respectivo catálogo na internet: <http://bisleya.blogs.sapo.pt/> (consultado em 22/06/2011).

publicam aliam uma boa relação qualidade/preço a um *layout* apelativo e a uma elevada qualidade literária.

A Caderno é uma editora generalista que publica livros de ficção e não-ficção, tendo sempre em conta a qualidade e diversidade dos textos.¹⁴

A Editorial Caminho, fundada em 1975, aposta sobretudo na publicação de autores portugueses contemporâneos, designadamente ficção e poesia, livros infanto-juvenis, ensaística de temas portugueses.¹⁵ Nomes como José Saramago, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário de Carvalho, Maria Isabel Barreno, Almeida Faria, Alice Vieira, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Daniel Sampaio, Gonçalo M. Tavares, entre muitos outros, fazem parte da carteira de autores nacionais da Editorial Caminho. As literaturas africanas de língua portuguesa também constam do catálogo desta editora, designadamente autores como Mia Couto, José Craveirinha, Germano Almeida, Manuel Lopes e Ondjaki.

A Dom Quixote, criada em 1965, é uma editora generalista de referência. Possui um extenso catálogo de autores de grande qualidade e prestígio, cujas obras têm sido amplamente distinguidas, nacional e internacionalmente. Do catálogo da Dom Quixote fazem parte obras literárias, títulos universitários, dicionários, ensaística e livros dirigidos ao público infantil e juvenil.¹⁶

Constituída em 1987, a Gailivro especializou-se inicialmente na produção de manuais escolares. Ao longo do tempo expandiu a sua actividade para material didáctico, para-escolar e edições gerais. Em 2007, reforçou a sua posição como uma das principais editoras de livros no segmento do fantástico e da ficção científica, do qual se destacam, entre outras, as obras de Stephenie Meyer.¹⁷

A Livros d'Hoje é uma marca que se centra nos assuntos da actualidade, dedicando-se aos livros de não-ficção que versam os interesses e as tendências sociais, bem como a agenda nacional.¹⁸

A Lua de Papel é uma marca que publica livros de não-ficção de autores portugueses e estrangeiros dentro das seguintes áreas: desenvolvimento pessoal, economia

¹⁴ Veja-se o sítio da Caderno e respectivo catálogo na internet: <http://www.caderno.leya.com/> (consultado em 22/06/2011).

¹⁵ Veja-se o sítio da Editorial Caminho e respectivo catálogo na internet: <http://www.caminho.leya.com/> (consultado em 22/06/2011).

¹⁶ Veja-se o sítio da Dom Quixote e respectivo catálogo na internet: <http://www.dquixote.pt/> (consultado em 23/06/2011).

¹⁷ Veja-se o sítio da Gailivro e respectivo catálogo na internet: <http://www.gailivro.pt/> (consultado em 30/06/2011).

¹⁸ Veja-se o sítio da Livros d'Hoje e respectivo catálogo na internet: <http://www.livrosdhoje.leya.com/> (consultado em 30/06/2011).

e finanças, saúde, sexo, famílias e relações amorosas, filosofia, psicologia, religião e espiritualidade.¹⁹

Fundada em 1985, a NOVAGAIA vocacionou desde o início a sua actividade para as edições escolares, sobretudo na área do pré-escolar e do 1.º ciclo do Ensino Básico. Embora ainda mantenha essa linha editorial, a editora abraçou desde 2008 um novo desafio na área das edições gerais, assumindo-se actualmente como uma editora especializada em literatura para crianças de autores portugueses.²⁰

A Oficina do Livro foi fundada em 1999, destacando-se pela inovação e competitividade editorial e comercial. Ao longo dos anos, a Oficina do Livro acumulou vários sucessos de vendas na edição de obras de ficção e não-ficção, maioritariamente de autores portugueses.²¹ Do seu catálogo constam autores como Miguel Sousa Tavares, Margarida Rebelo Pinto, José Manuel Saraiva, Gonçalo Cadilhe, Mário Zambujal, Baptista-Bastos. Ao longo do tempo a Oficina do Livro associou-se, por sua vez, a outras chancelas, a Casa das Letras, Teorema, Sebenta, Estrela Polar, Quinta Essência e Academia do Livro. Adquiriu a empresa Editorial Notícias, cujo catálogo foi reconvertido com a chancela Casa das Letras, dominado pela edição de obras de ficção e ensaio reconhecidos internacionalmente. Da sua carteira de autores estrangeiros, destacam-se Günter Grass, Herman Hesse, Antonio Muñoz Molina, William Boyd, Chuck Palahniuk, Haruki Murakami, Joyce Carol Oates, William Burroughs, Eduardo Mendonza, Pascal Quignard, Gore Vidal, Antonio Sarabia e Alice Sebold. Entre os autores nacionais, evidenciam-se Fernando Dacosta, Domingos Amaral, Francisco Moita Flores, António Aleixo, Natália Correia e Mário Ventura.²²

Por sua vez, a associação à Editorial Teorema, que possui um dos mais importantes catálogos literários nacionais, trouxe para o grupo um leque de autores formado por alguns dos mais importantes escritores mundiais dos séculos XX e XXI, do qual fazem parte, por exemplo, Jorge Luis Borges, Vladimir Nabokov, Primo Levi, Italo Calvino, Raymond

¹⁹ Veja-se o sítio da Lua de Papel e respectivo catálogo na internet: <http://www.luadepapel.pt/index.php> (consultado em 30/06/2011).

²⁰ Veja-se o sítio da NOVAGAIA e respectivo catálogo na internet: <http://www.novagaia.leya.com/> (consultado em 26/06/2011).

²¹ Veja-se o sítio da Oficina do Livro e respectivo catálogo na internet: <http://www.oficinadolivro.pt/> (consultado em 20/06/11).

²² Veja-se o sítio da Casa das Letras e respectivo catálogo na internet: <http://www.casadasletras.leya.com/> (consultado em 20/06/2011).

Carver, W.G. Sebald, Bret Easton Ellis, Tom Sharpe, Nick Hornby, Enrique Vila-Matas, Quino ou Sempé.²³

A Sebenta surgiu em 1986 pelas mãos de um grupo de professores que decidiram publicar livros de apoio escolar.²⁴ Com a sua integração na Oficina do Livro em 2007 reafirmou-se no mercado com uma nova imagem, mais publicações e uma linha editorial mais alargada. Paralelamente ao apoio escolar, são também publicados livros no âmbito de várias áreas do conhecimento e da educação.

A Estrela Polar especializou-se na área do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal. Desse modo, a sua política editorial centra-se sobretudo nos livros que inspiram e desafiam os leitores a melhorar a qualidade das suas vidas e a saúde do planeta.²⁵

A Quinta Essência focaliza a sua actividade editorial no público feminino, publicando romances de cariz passional de autoras já reconhecidas em Portugal.²⁶ Ao nível da não-ficção, destacam-se os testemunhos e as histórias de vida.

A Academia do Livro, criada em 2008, é já uma editora com livros de referência em Portugal, publicando títulos que dão uma resposta prática a temas como Gestão, Saúde, Educação, Política, entre outros.²⁷

Em Angola o Grupo Editorial LeYa está presente através da Texto Editores (*vd., supra*, cap. 1.1) e da Editora Nzila,²⁸ que foi fundada em 1990, está sediada no Talatona Park, município da Samba, província de Luanda, e é a editora mais antiga de Angola. O Grupo Editorial LeYa desenvolve a sua actividade em três áreas: as chamadas edições gerais, as edições escolares e as livrarias. Com a publicação das edições gerais, o Grupo pretende, através da Literatura, contribuir para o desenvolvimento da cultura literária em Angola com livros que pretendem transmitir o valor da cultura angolana, sejam eles, romances, ensaios, teses, poesia ou mesmo experiências pessoais. Na área

²³ Veja-se o sítio da Editorial Teorema e respectivo catálogo na internet: <http://www.editorialteorema.pt/> (consultado em 20/06/2011).

²⁴ Veja-se o sítio da Sebenta e respectivo catálogo na internet: <http://www.sebenta.com/> (consultado em 20/06/2011).

²⁵ Veja-se o sítio da Estrela Polar e respectivo catálogo na internet: <http://www.estrelapolar.leya.com/> (consultado em 21/06/2011).

²⁶ Veja-se o sítio da Quinta Essência e respectivo catálogo na internet: <http://www.quintaessencia.leya.com/> (consultado em 21/06/2011).

²⁷ Veja-se o sítio da Academia do Livro e respectivo catálogo na internet: <http://www.academiadolivro.com.pt/> (consultado em 21/06/2011).

²⁸ Veja-se o sítio e catálogo do Grupo Editorial LeYa - Angola na internet: <http://www.leya.co.ao/> (consultado em 26/06/2011).

infanto-juvenil, o Grupo Editorial LeYa disponibiliza um vasto leque de títulos, com uma vertente educativa, que abrange várias faixas etárias. Na área escolar, que conta com o conhecimento de uma vasta equipa de autores angolanos com grande experiência na área de ensino, são abrangidas todas as classes do Ensino. Do seu catálogo fazem parte Manuais do Aluno, Cadernos de Actividades, Guias para o Professor e outros materiais didácticos (Tabuadas, Cadernos de Caligrafia, Dicionários, entre outros). Por último, num mercado onde escasseiam os espaços para a compra de livros, o Grupo Editorial LeYa está a dinamizar a criação de livrarias.

Em Moçambique, o Grupo Editorial LeYa está presente através da Texto Editores (*vd., supra*, cap. 1.1) e da Ndjira.²⁹ Criada em 1996, a Ndjira é a editora moçambicana que mais livros de literatura geral e infantil publica, tendo a seu cargo a maior panóplia de escritores moçambicanos. Compreende-se assim que seja a editora que mais prémios literários acumula neste mercado. A Ndjira tem vindo a lançar, em média, treze títulos por ano, investindo primordialmente no desenvolvimento da cultura literária em Moçambique, onde o Grupo Editorial LeYa é igualmente líder nas áreas das edições escolares, através da Texto Editores Moçambique. Esta editora publica títulos que abrangem todas as classes do Sistema de Ensino Geral de Moçambique, designadamente manuais escolares e diversos materiais de apoio (desde Tabuadas, Dicionários, Cadernos de Exercícios, Livros para o Professor, entre outros). Todos estes materiais são produzidos com recurso a conteúdos elaborados por autores moçambicanos. Nas edições gerais, apostam no desenvolvimento da cultura literária do país, quer na área da literatura (teses, ensaios literários, romances, ficção, poesia ou experiências pessoais), quer na área infanto-juvenil (contos e diversos materiais pré-escolares e didácticos).

1.2.2 Algumas opiniões sobre a «Revolução Editorial»

Em Janeiro de 2008, é publicada no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* a primeira parte de um *dossier*, dedicado ao fenómeno da concentração editorial. Com o título «Concentração editorial em Portugal — uma revolução anunciada», este *dossier*, organizado por Maria Leonor Nunes, Francisca Cunha Rêgo e Rita Silva Freire, conta com

²⁹ Veja-se o sítio e catálogo do Grupo Editorial LeYa - Moçambique na internet: <http://www.leya.co.mz/> (consultado em 26/06/2011).

o testemunho de vários profissionais da área editorial (*cf.* Nunes *et al.*, 2/15-01-2008: 10-13). Os grupos editoriais afectos a este *dossier* são a Explorer Investments —que comprou a Oficina do Livro, Casa das Letras, Estrela Polar e Teorema —, o Grupo Editorial LeYa e o Direct Group/Bertelsmann – que é proprietário da Bertrand, Quetzal e Temas & Debates.

Sobre a concentração editorial verificada em Portugal, Fernando Guedes, fundador da Editorial Verbo refere, no *dossier* acima mencionado, que «a única surpresa foi ter demorado tanto tempo» (Nunes *et al.*, 2/15-01-2008: 10). No mesmo *dossier*, António Lobato Faria, editor da Oficina do Livro, afirma «A edição é uma actividade extremamente exigente do ponto de vista financeiro. Mas devido ao aumento do volume de negócios nos últimos anos, certos *players* de mercado, que à partida não estariam habituados a lidar com livros, foram aliciados pelo sector. [...]» (Nunes *et al.*, 2/15-01-2008: 11). Nuno Seabra Lopes, consultor nas áreas de estratégia e edição da BOOKTAILORS³⁰ (empresa de consultoria editorial) e especialista convidado na Especialização para Técnicos Editoriais da Faculdade de Letras de Lisboa, refere no mesmo *dossier* que «as pessoas têm sempre medo destes fenómenos, mas deles não vem necessariamente o mal ao mundo», acrescentando que «com mais capital, é possível investir mais na qualidade.» (Nunes *et al.*, 2/15-01-2008: 13).

No que concerne à aquisição do Grupo Oficina do Livro pelo Grupo Editorial LeYa, Francisco José Viegas, então director da *LER*, escrevia no editorial desta revista em Maio de 2008:

A compra, pelo grupo LeYa, das participações da Explorer Investments na área editorial, ou seja, aquilo que é conhecido como Grupo Oficina do Livro, constitui um marco na história da edição portuguesa. [...]

Essa concentração constitui, por si própria, uma mais-valia no mercado da edição. As «sinergias» e «energias» daí resultantes são um valor inestimável e importante. O grupo LeYa merece ser saudado pelas suas operações de aquisições e, de alguma maneira, distinguido pelo dinamismo que trouxe ao mercado editorial português. [...] Com esta aquisição, incorporando o Grupo Oficina do Livro, incorpora também o know-how de editoras que mudaram o panorama editorial. (Viegas, 13-05-2008).

³⁰ Veja-se o sítio da BOOKTAILORS na internet: <http://www.booktailors.com/> (consultado em 08/02/2011).

Parte II – O processo editorial. Estágio e tarefas desenvolvidas

2 Processo editorial

Antes de esquematizar o processo editorial, penso que é importante definir, sucintamente, o que é uma editora. Uma editora é uma empresa que coordena a publicação de livros. Para levar a cabo essa tarefa existe um decurso a ter em linha de conta, o processo editorial. Tal como demonstra o esquema abaixo, o processo editorial é constituído por várias fases, das quais destaco:

- Análise de propostas editoriais e negociação de direitos de autor;
- Tradução, quando se trata de obras estrangeiras, e revisão;
- Pré-produção (paginação, revisão, capa);
- Produção (impressão e acabamento);
- Comunicação e marketing;
- Distribuição e comercialização.

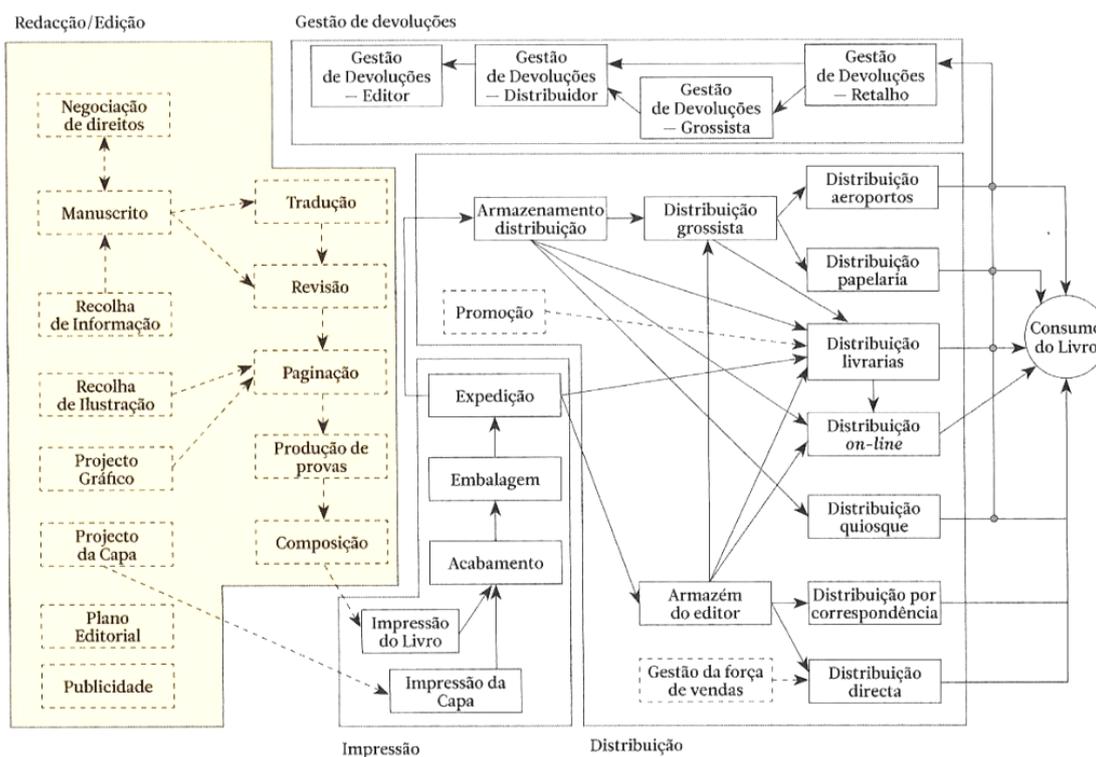


Fig. 1 O sistema tradicional de criação de valor na edição de livros (Dubini, 2001)

Durante o meu Estágio tive a oportunidade de acompanhar algumas das etapas do esquema acima apresentado de Dubini sobre o «sistema tradicional de criação de valor na edição de livros», nomeadamente: a leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres, revisão de provas, tradução de artigos e outros textos, proposta de texto para

contracapa, pesquisas de obras por temas e recolha de obras para reedição e outras tarefas pontuais.

3 Tarefas desenvolvidas durante o Estágio

3.1 Leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres

Todos os dias chegam às editoras propostas de publicação, que são lidas, estudadas e analisadas, a fim de se apurar se têm viabilidade editorial e se se enquadram no perfil do(s) catálogo(s) da editora, isto é, no âmbito das áreas temáticas em que a editora se especializou. O processo de leitura e avaliação de originais requer mais do que uma simples leitura, visto que a pessoa responsável por esta tarefa deve analisar vários aspectos, nomeadamente a coesão, coerência e clareza do texto, o estilo e originalidade da obra e se esta é, ou não, relevante para o respectivo público-alvo. No capítulo seguinte, debruçar-me-ei sobre este processo.

A leitura e apreciação crítica destas propostas de publicação foi uma das tarefas que desenvolvi com regularidade durante o Estágio em apreço. Em anexo,³¹ figuram os pareceres que elaborei das obras que entretanto foram dadas à estampa. Enumero, de seguida, todos os originais que li e sobre os quais redigi uma nota crítica.

Livros em Português:

Obras Infanto-juvenis:

- *A Brincar Aprendo Música*, Maria de Almeida d'Eça;
- *Histórias da Princesa Leila*, Rosário Freixo e Inês Simões Fernandes;
- *Histórias para o Jardim-de-Infância (3/6 anos)*, Fernando Augusto de Sousa Lopes;
- *Margarida Num Mundo Estranho*, Miguel Fialho;
- *O Curioso Cuca*, Paula Castelhana e Inês Madaleno;
- *Uma Fatia de Pão-de-ló*, Margarida Flórido e Marlene Cavaleira.

Crónicas:

- *Kinda e Outras Histórias de uma Guerra Esquecida – Vivências de Uma Guerra Africana*, Carlos Acabado;

³¹ Vd. Anexo 1.

- *Margem Esquerda – Crónicas de um Alentejo Antigo*, Carlos Acabado.

Obras de História e Política:

- *Duelos & Atentados*, Eduardo Nobre (reedição) (232 p.);³²
- *Feminismos: Percursos e Desafios*, Manuela Tavares (Tese) (752 p.);
- *No Vendaval da II Revolução - Memórias da Luta Pela Democracia em Angola*, Jardo Muekalia (368 p.);
- *O Marquês de Pombal, o Homem, o Diplomata e o Estadista*, Joaquim Veríssimo Serrão (reedição) (204 p.);
- *Salazar Volta ao Cinema*, Maria do Carmo Piçarra.

Obras de Divulgação Científica:

- *Náuseas do Homem em Busca de Seus Equilíbrios*, Evaristo V. Fernandes;
- *Corpo e Espírito nas Doenças e nas Saúdes*, Evaristo V. Fernandes;
- *O Inconsciente Está no Cérebro*, João Carlos Melo;
- *Pessoas Transparentes – Questões Actuais de Bioética*, Manuel Curado e Nuno Oliveira (246 p.).

Obra de Economia, Finanças e Contabilidade:

- *O Novo Paradigma Imobiliário – Crise Imobiliária e Estratégias Futuras*, Amaro Laia e Carlos Moedas (216 p.).

Obras de Ciências da Educação:

- *Matemática das Coisas Banais*, Carlos Roque e Luísa Cruz;
- *Métodos e Técnicas de Comunicação e Expressão*, Rosa Maria Sequeira;
- *Tudo o que um Professor Gostaria de Saber – Mas Tem Medo de Perguntar*, Joaquim Nunes da Silva Martins.

Outras formas literárias:

- *Novo Dicionário de Cruzadismo*, Bernardo Matos;
- *Por Mares Navegados*, Tiago Mota Garcia (projecto livro de fotografias);
- *Setúbal*, José Luís Neto.

³² Só indico o número de páginas nos livros que entretanto foram publicados ou quando se trata de uma possível reedição.

Livros noutras línguas:

Obras Infanto-juvenis:

- Coleção: *Word Power – Word Origins/ Comprehension/ Punctuation/ Spelling*, John Butterworth;
- *Petites Histoires de Mots*, Géraldine Faes e Ronan Badel (95 p.).

Obras de História e Política:

- *Lo que el Mundo le Debe a España*, Luis Suárez (260 p.);
- *Portugal in European and World History*, Malyn Newitt (256 p.);
- *The Hanging of Angélique: The Untold History of Slavery in Canada and the Burning of Old Montreal*, Afua Cooper;
- *The Peninsular War – a Battlefield Guide*, Andrew Rawson (256 p.).

Divulgação Científica:

- Coleção: *Larousse Guide santé: Hypertension Artérielle ; Alzheimer et les Maladies Apparentée ; Prostate – Comprendre pour Agir ; Ménopause – Bien Passer le Cap ; Diabète*, vários autores;
- *Dyslexia and Other Learning Difficulties – The Facts*, Mark Selikowitz (170 p.);
- *Eating Disorders – The Facts*, Suzanne Abraham (272 p.);
- *Little Book of Big Ideas: Philosophy*, Dr. Jeremy Stangroom (128 p.);
- *Little Book of Big Ideas: Science*, Dr. Peter Moore (144 p.);
- *Living with Diabetes – Dr. Draznin’s Plan For Better Health*, Dr. Boris Draznin (188 p.);
- *Univers Parallèles*, Thomas Lepeltier (273 p.).

Obras de Ciências Exactas:

- *Alex’s Adventures in the Numberland*, Alexandre Bellos (448 p.);
- *The Numerati*, Stephen Baker (256 p.).

Obras de Ciências Sociais e Humanas:

- *Born Liars – Why We Can’t Live Without Deceit*, Ian Leslie (352 p.);
- *The Everyday Activist*, Michael Norton (192 p.);
- *The Unheard Truth: Poverty and Human Rights*, Irene Khan (256 p.);
- *What Works*, Hamish Mcrae (352 p.).

3.1.1 Capas das propostas de publicação que entretanto foram publicadas



Fig. 2 *Distúrbios Alimentares*, Texto Editores, 2010

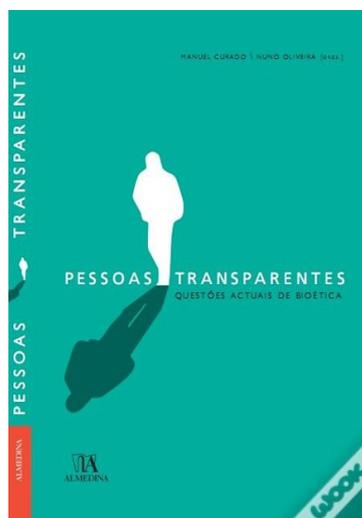


Fig. 3 *Pessoas Transparentes*, Almedina, 2010



Fig. 4 *A Verdade Desconhecida*, Editora Objectiva, 2010



Fig. 5 *Angola - A Segunda Revolução*, Sextante Editora, 2010



Fig. 6 *Novo Paradigma de Investimento Imobiliário*, Sabedoria Alternativa, 2010



Fig. 7 *Dislexia*, Texto Editores, 2010

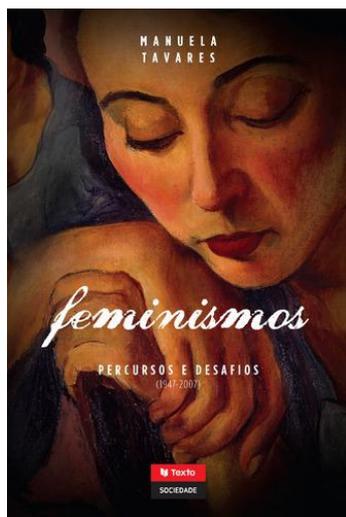


Fig. 8 *Feminismos*, Texto Editora, 2011

3.1.2 Capas das obras que li e redigi um parecer

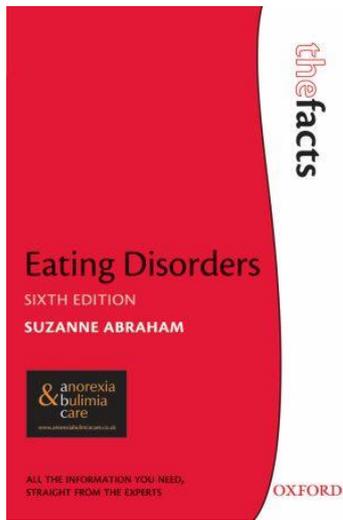


Fig. 9 *Eating Disorders*, Oxford University Press, 2008

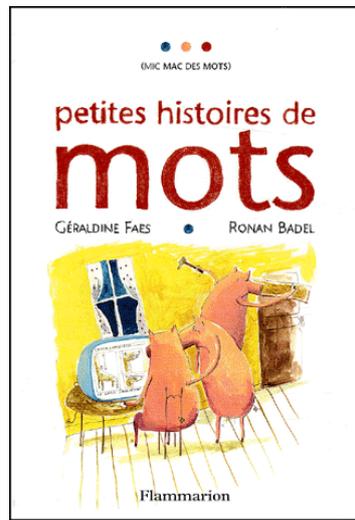


Fig. 10 *Petites Histoires de Mots*, Pere Castor, 2003

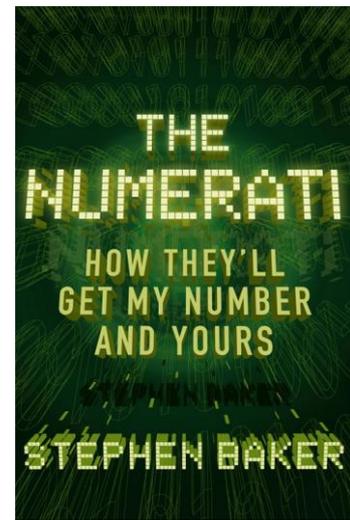


Fig. 11 *The Numerati*, Vintage, 2008

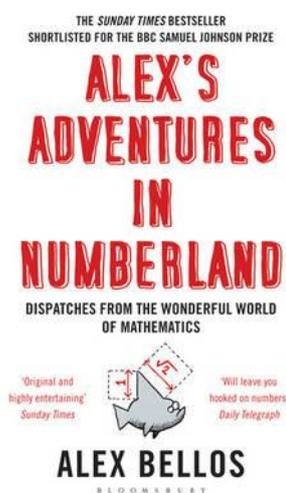


Fig. 12 *Alex's Adventures in Numberland*, Bloomsbury Publishing Plc, 2010

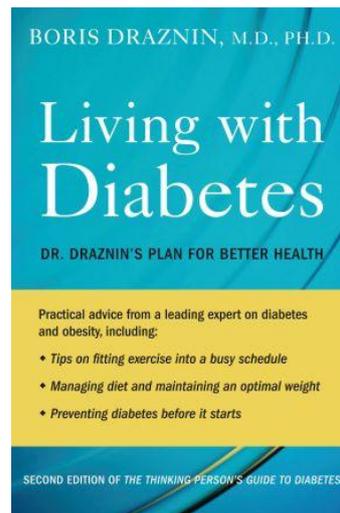


Fig. 13 *Living With Diabetes*, Oxford University Press, 2008

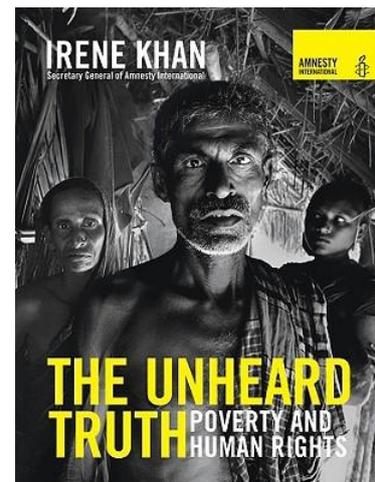


Fig. 14 *The Unheard Truth*, W. Norton & Company, 2009

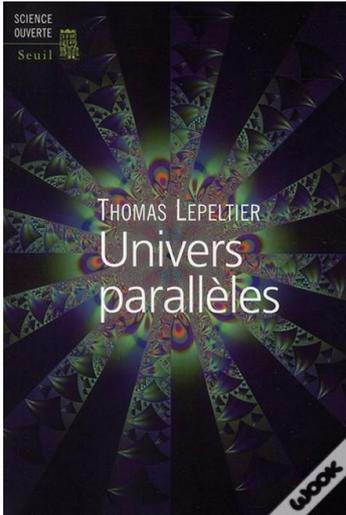


Fig. 15 *Univers Parallèles*, Seuil, 2010

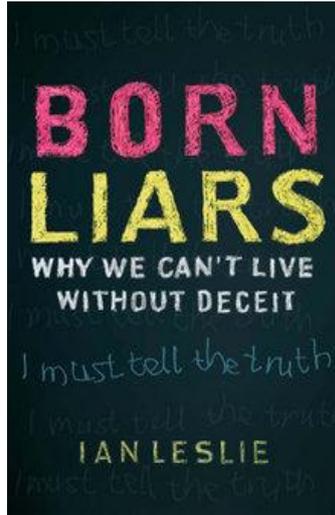


Fig. 16 *Born Liars*, Quercus Publishing Plc, 2011

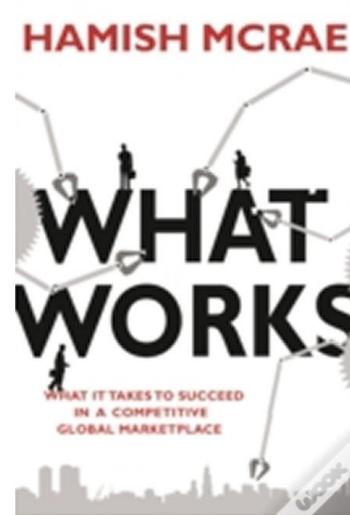


Fig. 17 *What Works*, HarperCollins Publishers, 2010

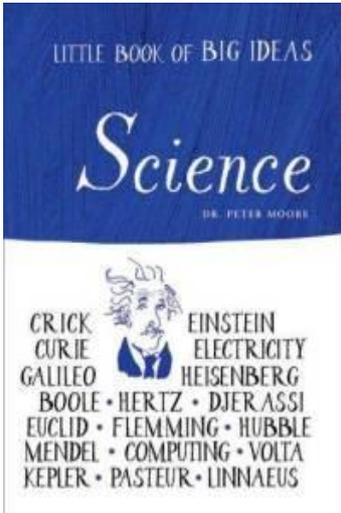


Fig. 18 *Little Book of Big Ideas: Science*, A & C Black Publishers Ltd, 2006

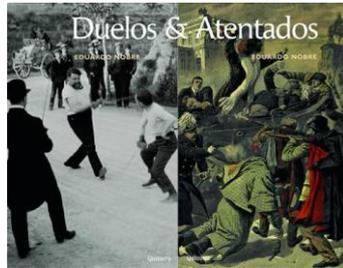


Fig. 19 *Duelos & Atentados*, Quimera, 2004



Fig. 20 *The Everyday Activist*, Pan MacMillan, 2007

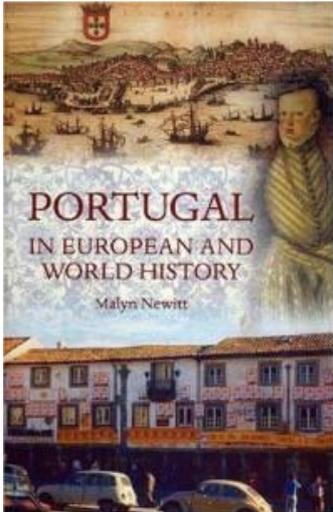


Fig. 21 *Portugal in European and World History*, Reaktion Books, 2009

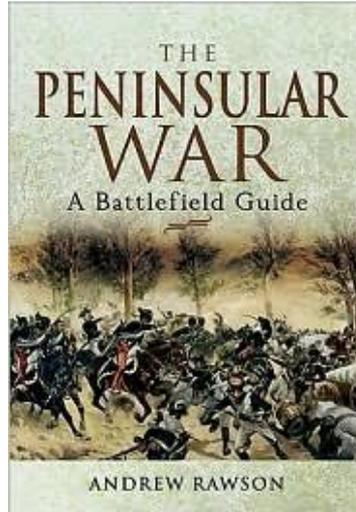


Fig. 22 *The Peninsular War - a Battlefield Guide*, Pen & Sword Books Ltd, 2009

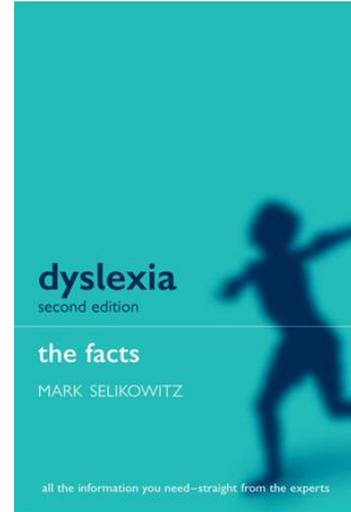


Fig. 23 *Dyslexia – The Facts*, Oxford University Press, 1998



Fig. 24 *O Marquês de Pombal - O Homem, o Diplomata e o Estadista*, 1987

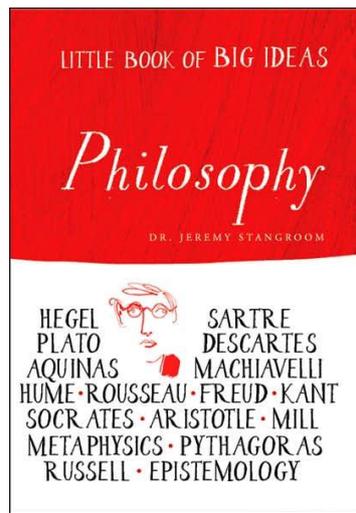


Fig. 25 *Little Book of Bid Ideas: Philosophy*, A & C Black Publishers Ltd, 2006

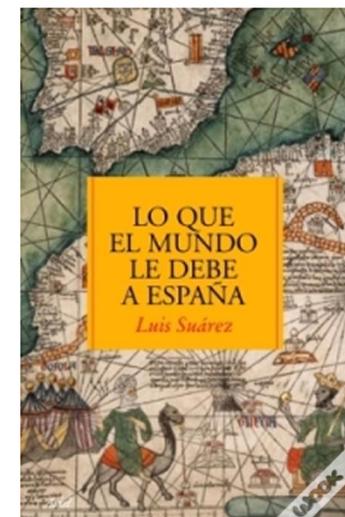


Fig. 26 *Lo Que El Mundo Le Debe A Espanã*, Ariel, 2009

3.1.3 Comentário crítico

A leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres é uma tarefa geralmente desenvolvida por um leitor especializado na área em questão. O professor brasileiro João Medeiros (n. 1954), docente de Técnicas de Redacção e Literatura Brasileira, apresenta, na sua obra *Manual de Redacção e Normalização Textual*, um roteiro para avaliação de originais, salientando os aspectos que devem ser sempre considerados, designadamente o conteúdo, a linguagem, a originalidade e a «oportunidade mercadológica» (cf. Medeiros, 2002: 374-376).

Para realizar análise de propostas editoriais não basta saber ler e gostar de ler, pois a análise de um original pressupõe uma leitura distanciada e crítica, que evidencie capacidade de atenção aos mais variados detalhes. Seguindo o roteiro para análise de um original definido por João Medeiros, ao nível do conteúdo, deve analisar-se se este é pertinente e se a forma como está estruturado é coerente e clara (cf. 2002: 374-376). Deve-se tentar compreender o objectivo do texto e se este foi realmente alcançado. No que diz respeito à linguagem, deve verificar-se se o autor domina bem a língua em que o texto está redigido, se a linguagem utilizada é coerente com o contexto, objectiva e bem articulada, se o texto é claro e perceptível ao público a que se destina, se apresenta erros gramaticais e ainda se é necessária uma revisão estilística. Outro aspecto a ser ponderado é a originalidade da obra ou, mais propriamente, o grau de originalidade das ideias apresentadas, isto é, se as ideias apresentadas são originais, se a abordagem do autor se distingue dos livros que já existem sobre o tema, ou se, pelo contrário, se trata apenas de mais um livro da área. Finalmente, no que se prende à «oportunidade mercadológica», Medeiros salienta que o leitor deve analisar se a obra terá receptividade por parte do mercado, ou se, por outro lado, o mercado se encontra saturado desse tipo de obras. Um outro aspecto que deverá ser tido em linha de conta é a oportunidade epocal da publicação, ou seja, averiguar se esta obra será oportuna no âmbito da celebração de uma qualquer efeméride.

De forma a melhor realizar esta tarefa, durante o Estágio, além de tomar em consideração estas indicações, recebi por parte da Dr.^a Sara Gomes orientações muito úteis ao nível da análise de propostas editoriais: questões de critérios de escolha, apreciação de conteúdos, designadamente de qualidade de conteúdos, de enquadramento de mercado, de enquadramento nas linhas editoriais da empresa, de oportunidade sociopolítica e cultural,

entre outros factores. Com estas orientações aprendi que, além dos aspectos acima citados na elaboração do parecer, se deve ainda ter em consideração a biografia e a bibliografia do autor, qual a sua área de especialização, incluindo se a casa editora que está a ponderar a publicação já deu à estampa outras obras suas. O parecer deve igualmente discutir se o livro em apreço é consentâneo com o catálogo da editora. O leitor incumbido de elaborar o parecer deverá tentar caracterizar o público-alvo da obra e ainda investigar o impacto que livros do mesmo género tiveram no mercado nacional e/ou internacional. No que diz respeito ao texto, deve-se analisar o seu tom e forma, se este apresenta muitas gralhas, citações. No final da análise deve-se ainda justificar se a obra deveria ser ou não publicada.

Em vários casos, além de me pedirem que fizesse uma leitura atenta e crítica do original e que elaborasse o respectivo parecer com base nas premissas acima enunciadas, foi-me pedido que verificasse se a linguagem da mesma era acessível ao público em geral e que procedesse ao levantamento de expressões que, na minha opinião, poderiam dificultar uma eventual tradução da obra.

Devo dizer que não tive grandes dificuldades em desempenhar esta tarefa, principalmente quando me vi confrontada com pareceres sobre obras de índole literária ou de divulgação técnica. No caso dos livros técnicos específicos sobre temáticas que não domino, nomeadamente de matemática, de filosofia, ou de psicologia, tenho consciência de que a minha avaliação foi pouco competente. No sentido de colmatar as minhas dificuldades, contudo, tive sempre o cuidado de me informar minimamente sobre o assunto em apreço e de pesquisar os significados dos termos técnico-científicos que não conhecia.

3.2 Revisão de provas

Uma outra tarefa que desenvolvi quando iniciei o Estágio foi a revisão do livro *Acreditar no Futuro*, de Isabel Gomes, especialista em Serviço Social nas áreas da Infância e Juventude. Na introdução, a autora salienta: «Este livro surge da necessidade de partilhar com os leitores uma reflexão sobre a realidade do acolhimento [em instituições] de crianças e jovens em Portugal.» (Gomes, 2010: 29). No prefácio, Maria José Nogueira Pinto (1952-2011), famosa jurista e deputada portuguesa, alinha uma série de questões que resumem o conteúdo do livro:

[...] por que razão existem crianças que têm de ser separadas da sua família, porque aumenta o abandono, o que significa crescer numa instituição, o que é um projecto de vida, com que critérios se decide sobre o futuro alheio, quem fiscaliza o modo como é exercida a tutela sobre estes menores, quem os representa, quem os defende?
Estas perguntas reconduzem-nos inevitavelmente a uma outra, mais complexa, se possível: o que é ser feliz? [...] É possível crescer institucionalizado com dignidade e amor e refazer, aí, os ingredientes da felicidade humana? Porque não são adoptadas mais crianças? (Pinto, 2010: 11).

O meu trabalho nesta obra consistiu na sinalização e correcção de gralhas ao nível da ortografia e de erros gramaticais, principalmente no que diz respeito à pontuação e à sintaxe. Como a obra de Isabel Gomes ainda não tinha sido normalizada e paginada, não foi necessário assinalar e corrigir a translineação e hifenização.

Ao longo do Estágio, fiz ainda a contraprova — ou seja, a prova feita depois de introduzidas as emendas da prova anterior, em que se verifica se as emendas foram corrigidas, assinalando-se e corrigindo-se gralhas que não tenham sido detectadas na prova anterior e outras que tenham surgido após a realização da prova — dos seguintes livros:

Obras de História e Política:

- *Império, Nação, Revolução - As Direitas Radicais Portuguesas no Fim do Estado Novo (1959-1974)*, de Riccardo Marchi (448 p.).

Sinopse: Durante a investigação que realizou em Portugal com vista à elaboração da sua tese de doutoramento em História, o italiano Riccardo Marchi (n. 1974) interessa-se pela dinâmica dos movimentos radicais no fim do Estado Novo, tema que, em 2005, se torna o seu projecto de doutoramento em História, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), sob a orientação do Professor António Costa Pinto. Os principais capítulos da sua tese de doutoramento, defendida em Março de 2008, são agora apresentados no livro *Império, Nação, Revolução*. (Cf. Marchi, 2009).

- *O Estado Novo de Salazar*, de Hipólito de la Torre Gómez (original publicado em 1997, com o título *El Portugal de Salazar*, 91 p.). Tradução portuguesa de João Pedro Jorge (111 p.).

Sinopse: Nesta sua obra, o historiador espanhol Hipólito de la Torre Gómez (n. 1948), especializado em História Contemporânea Peninsular, em *O Estado Novo de Salazar* faz uma síntese documentada do Estado Novo e de Salazar, a sua figura principal. Partindo da crise do Liberalismo Português, e da posterior Ditadura Militar (1926-1928), a obra incide sobre os quarenta e um anos que durou o Estado Novo, abordando as suas características, política interna e externa, relações internacionais e o problema colonial. Na parte final, aborda a «Primavera» marcelista e o processo que conduziu ao golpe militar de 25 de Abril de 1974. (Cf. Gómez, 2009).

- *O Estado Popular de Hitler*, de Götz Aly (original publicado em 2005, com o título *Hitlers Volksstaat: Raub, Rassenkrieg und Nationaler Sozialismus*, 464 p.). Tradução portuguesa em apressado de Ana Schneeberger (464 p.).

Sinopse: Distanciando-se da visão tradicional que nos mostra umas quantas corporações empresariais e meia dúzia de dignitários nazis que enriqueceram com a guerra, Götz Aly (n. 1947), historiador e jornalista alemão, demonstra documentalmente que a fome, a pilhagem e a espoliação da Europa ocupada, assim como o extermínio dos judeus e o saque dos seus bens serviram, sobretudo, para manter e assegurar o nível de vida do povo alemão, que, na sua grande maioria, aceitou uma utopia assente no roubo, no racismo e no assassinato. (Cf. Aly, 2009).

- *A Questão Religiosa no Parlamento (1821-1910) – Vol. 1*, de Vítor Neto (160 p.).

Sinopse: Vítor Neto (n. 1952), professor de história política e história da cultura da Época Contemporânea, centra-se na análise da chamada questão religiosa no Parlamento entre 1820 e 1910. (Cf. Neto, 2009).

- *Mariano Cirilo de Carvalho – O «Poder Oculto» do Liberalismo Progressista (1876-1892)*, de Paulo Jorge Fernandes (480 p.).

Sinopse: Especialista em História de Portugal e História Institucional e Política (Séculos XIX e XX), Paulo Jorge Fernandes (n.1966) faz a biografia política de Mariano Cirilo de Carvalho (1836-1905), que hoje é um nome relativamente desconhecido. Na sua época, foi todavia uma das figuras mais populares e controversas. Conhecido nos meios políticos como o «Poder Oculto», administrou com proveito próprio a alcunha durante anos a fio, visto que «traficava» influências e se movimentava à vontade nas altas esferas do poder, ao mesmo tempo que tudo fazia para consolidar a sua posição de figura nacional de primeiro plano. (Cf. Fernandes, 2010).

- *Os Procuradores da Câmara Corporativa (1935-1974)*, de J. M. Tavares Castilho (598 p.).

Sinopse: José Manuel Tavares Castilho (n. 1946) é investigador do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Este livro complementa um estudo global das elites parlamentares do Estado Novo, iniciado com a obra *Os Deputados da Assembleia Nacional (1935-1974)*, dedicada à Assembleia Nacional, que visa analisar o sistema político que vigorou em Portugal durante quarenta anos, considerados os dois períodos: o Salazarismo (1933-1968) e o Marcelismo (1968-1974). (Cf. Castilho: 2010).

Obra sobre Arte / Música:

- *Guerras de Jasmim e Mogarim*, de Susana Sardo (336 p.).

Sinopse: Em Maio de 1987, Goa tornou-se no mais jovem Estado da União Indiana, tendo também conquistado, dois meses antes, o reconhecimento do *konkani* como língua oficial do território. Este livro nasce do trabalho de pesquisa de Susana Sardo (n. 1963), que testemunhou os primeiros anos de Goa como Estado autónomo da Índia, bem como os seus últimos 20 anos. A autora centra-se na análise da música goesa, um dos mais importantes factores de identidade cultural. (Cf. Sardo, 2011).

Obra de Economia, Finanças e Contabilidade:

- *SNC (Sistema de Normalização Contabilística) Comentado*, de Domingos Cravo, Carlos Grenha, Luís Baptista, Sérgio Pontes (160 p.).

Sinopse: Compilação de um conjunto de normas a respeito do novo Sistema de Normalização Contabilística (SNC) que os autores foram recolhendo da sua experiência. Não se trata de um trabalho académico. O objectivo dos autores foi criar um instrumento útil para uma abordagem pragmática do novo SNC. (Cf. Cravo *et al.*, 2009).

Obra de Divulgação Científica:

- *Seis Estudos de Psicologia*, de Jean Piaget (título original: *Six études de psychologie*). Reedição do *Seis Estudos de Psicologia*, de Jean Piaget, 11.^a edição, D. Quixote, 2000, tradução de Nina Constante Pereira, (192 p.).

Sinopse: *Seis Estudos de Psicologia* traçam um resumo do pensamento de Piaget (1896-1980) e constituem uma vigorosa introdução à sua concepção genética estruturalista. Os textos apresentados concentram as ideias principais de Piaget no domínio da psicologia da criança, abordam alguns aspectos centrais da pesquisa do autor, nomeadamente os que se prendem com o pensamento, a linguagem e a afectividade. (Cf. Piaget, 2010).

Realizei ainda a revisão da tradução da primeira parte do livro *Os Três Imperadores*, da autoria de Miranda Carter. Tendo em conta que já me encontrava na última fase do Estágio e que nunca tinha feito qualquer revisão de uma tradução, foi-me apenas pedido que fizesse uma leitura do texto traduzido, com o objectivo de detectar e corrigir gralhas gramaticais e ortográficas, bem como de verificar se faltariam palavras ou frases. A autora de *Os Três Imperadores* descreve os anos anteriores à Grande Guerra, período em que as grandes supremacias europeias, designadamente Inglaterra, Alemanha e Rússia, eram governadas por três primos: Jorge V, Rei-Imperador de Inglaterra, do Império Inglês e da Índia; Guilherme II, o último Kaiser; e Nicolau II, o último Czar. Num discurso brilhante e por vezes hilariante, Miranda Carter retrata a vida dos três homens – Guilherme, perturbado e egocêntrico; Nicolau, teimoso e sossegado; e Jorge, ansioso, obediente – bem como as suas vidas, medos e obsessões. A autora refere ainda outras figuras da família, designadamente a rainha Vitória (avó de dois deles e avó por afinidade do terceiro) e Eduardo VII, que demonstrou um extraordinário dom para as relações políticas internacionais. Através das histórias de vida das referidas personagens, esta obra entretece um conjunto de eventos que conduziu à Primeira Guerra Mundial.

3.2.1 Capas das obras de que elaborei a respectiva contraprova



Fig. 27 *Acreditar no Futuro*, Texto Editores, 2009

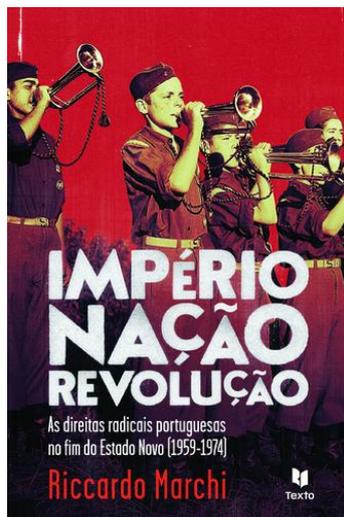


Fig. 28 *Império, Nação, Revolução*, Texto Editores, 2009



Fig. 29 *O Estado Novo de Salazar*, Texto Editores, 2009

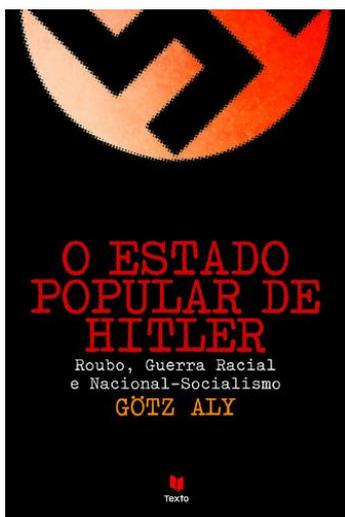


Fig. 30 *O Estado Popular de Hitler*, Texto Editores, 2009

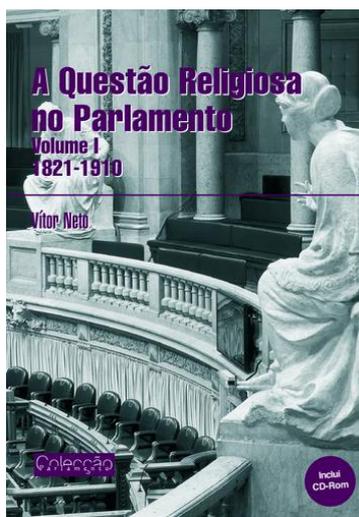


Fig. 31 *A Questão Religiosa no Parlamento (1821-1910) – Vol. 1*, Texto Editores, 2009



Fig. 32 *Mariano Cirilo de Carvalho – O «Poder Oculto» do Liberalismo Progressista (1876-1892)*, Texto Editores, 2010

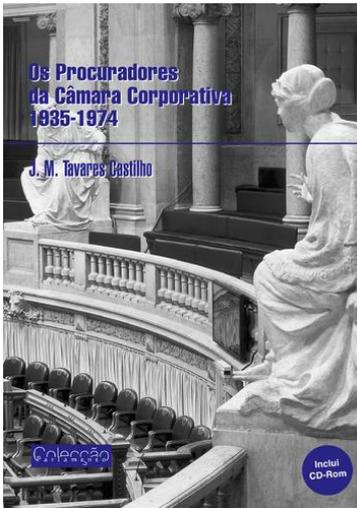


Fig. 33 *Os Procuradores da Câmara Corporativa (1835-1974)*, Texto Editores, 2009



Fig. 34 *Guerras de Jasmim e Mogarim*, Texto Editores, 2011

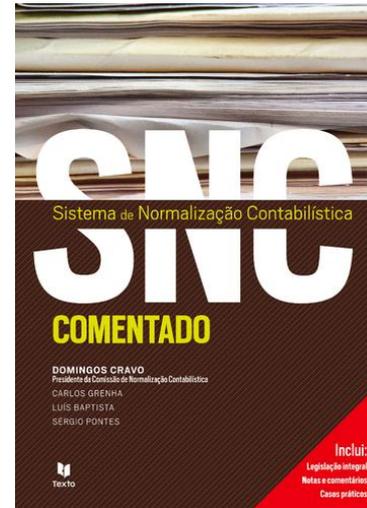


Fig. 35 *SNC Comentado*. Texto Editores, 2009



Fig. 36 *Seis Estudos de Psicologia*, Texto Editores, 2010



Fig. 37 *Os Três Imperadores*, Texto Editores, 2010

3.2.2 Comentário crítico

A revisão textual é uma das muitas etapas a que um livro é necessariamente submetido antes de ser publicado, sendo uma das formas de lhe acrescentar valor, visto que tende a intensificar a clareza e a coerência do respectivo texto. De acordo com Jorge Manuel Martins (n. 1932), investigador do CIES-ISCTE (Centro de Investigação Universitário do Instituto Universitário de Lisboa), as funções de um «redactor editorial» são as seguintes:

A designação de «redactor editorial» serve aqui para englobar várias funções, nomeadamente: (a) produção ou encomenda de conteúdos escritos (uma vez que a grande maioria dos livros são actualmente da iniciativa do editor); (b) revisão literária, pela introdução de emendas estilísticas para melhorar textos a publicar, sejam originais ou traduções; (c) preparação ou marcação de original pela intervenção no texto para o adequar às normas de edição («estilo da casa»); (d) revisão de provas pelo confronto de compatibilidade da prova com o estado prévio do texto.

De tais competências destaca-se o importante trabalho de preparação de original, ou seja, aquele tipo de intervenção que, em língua inglesa, passa pelas designações de *editing*, *copyediting*, *rewriting* e que significa rescrever um texto escrito por outrem, com vista à publicação e à sua adequação a determinados objectivos e leitores. (2005: 126-127).

Como demonstrei, durante o Estágio, efectuei algumas dessas tarefas, nomeadamente a revisão de provas e normalização do texto tendo em consideração o conjunto de regras definido pela Texto Editores. No caso de reedições tive de corrigir atentamente o «lixo» gerado pelo processo de digitalização.

Num artigo, ironicamente intitulado «Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor)», publicado na *B:Mag — Booktailors Publishing Magazine*, José Carlos Alfaro (n. 1957), editor português, chama a atenção para a importância de um bom revisor:

Além de ter de possuir um excelente domínio da língua portuguesa, um revisor necessita de conhecer as regras tipográficas e de possuir capacidades de atenção excepcionais (com grande agilidade, em constantes movimentos de zoom, tem de voar do geral para o particular — precisa de dissecar, de isolar a árvore no meio da floresta —, para, logo de seguida, regressar à macroestrutura da frase). Por fim, mas não menos importante, um bom revisor deverá perseguir a dúvida até à exaustão e exige-se-lhe uma cultura geral fora do comum. Não é necessário ser-se super-homem ou super-mulher, mas estamos a falar de um trabalho realmente especializado! (2009: 40-41).

Nas aulas de Introdução à Edição, disciplina afecta à Licenciatura em Estudos Editoriais, que frequentei na Universidade de Aveiro, aprendi que o processo de revisão do texto pode ser dividido em duas etapas. Na primeira, o normalizador dos textos ou preparador da cópia assegura-se que as provas cumprem todas as indicações sobre os limites da página e a composição tipográfica, preparando o texto para que este se adeque às normas e regras tipográficas previamente determinadas pela editora. Na segunda etapa, o revisor confere as diferentes provas que vão sendo feitas até ter a certeza que não têm erros. Normalmente, o número de provas varia entre as três e as seis. O revisor enfrenta a dificuldade de uma dupla leitura: por um lado tem de estar atento ao sentido, às formas sintácticas e gramaticais, por outro lado, tem de dissecar a estrutura da palavra e estar atento a qualquer possível gralha, duplicação ou supressão de letras, palavras ou frases, devendo ainda verificar se os parágrafos e diferentes secções estão no seu devido lugar.

Constrangimentos financeiros e/ou de reestruturação levaram à supressão dos serviços internos de correcção e preparação de provas em muitas editoras, que passaram a recorrer preferencialmente a colaboradores externos. Este não me parece ser todavia o caso da Texto Editores. Com efeito, durante o Estágio, apercebi-me que a Texto Editores possui uma carteira de revisores externos que coteja a primeira prova em confronto com o original. A contraprova é realizada internamente. Este trabalho é realizado de acordo com a *Cartilha de Edição* da Texto Editores,³³ que define um conjunto de regras tipográficas e ortográficas, bem como de uniformização gráfica e de formatação, que terão de ser seguidas por autores, tradutores, revisores e paginadores.

Ao longo do Estágio, utilizei recorrentemente esta *Cartilha de Edição* da Texto Editores, que se revelou uma imprescindível ferramenta de trabalho. Por outro lado, na disciplina de Técnicas de Revisão Textual, da Licenciatura em Estudos Editoriais, que frequentei na Universidade de Aveiro, aprendi expressões e técnicas específicas afectas ao tratamento gráfico do original, designadamente regras tipográficas e de revisão, bem como sinais de correcção, que me prepararam para a actividade de revisão textual.

A edição de livros não é somente uma actividade cultural. É também uma indústria logo, tal como em outros sectores industriais, tem como objectivo a obtenção de lucro. Considerando que a matéria-prima da indústria editorial é o texto do autor, uma das formas de lhe acrescentar valor é fazer um bom trabalho de revisão e de edição, pois os leitores, enquanto clientes cada vez mais exigentes, merecem ler um livro bem editado. Este ponto

³³ *Vd. Anexo 2.*

de vista é inclusivamente defendido pelo poeta e ensaísta mexicano Gabriel Zaid (n. 1934) nos seguintes termos:

Também se torna caro o escrever bem, porque custa tempo ao autor, que dispõe de muito tempo livre se está na prisão ou aposentado, mas não se é um médico ou um funcionário bem pago, que não pode investir o seu tempo escasso e caro em reescrever várias vezes o mesmo parágrafo – ainda que este trabalho adicional poupe tempo aos seus leitores.

É absurdo que o escritor gaste duas horas a poupar um minuto ao leitor se o texto for uma nota para a sua secretária. Mas se for um texto destinado a doze mil leitores, cada minuto poupado representa um lucro social de duzentas horas em troca de duas, ou seja, um benefício cem vezes superior ao custo. Seria razoável que uma parte desse benefício fosse canalizado para o autor que se dá ao trabalho de escrever bem, e para o editor que publica livros legíveis (sem erratas, bem apresentados, com índices) -, mas não é fácil cobrá-lo.

O custo da leitura reduzir-se-ia consideravelmente se os autores e os editores respeitassem mais o tempo do leitor, e se nunca fossem publicados textos que não têm nada a dizer, ou que estão mal escritos, ou mal editados. (2008: 133-134).

3.3 Análise de informação na imprensa especializada

Outra tarefa que realizei durante o Estágio foi a análise, em termos de mercado editorial, de uma lista dos 100 livros que, segundo o jornal inglês *The Telegraph*, definiram a primeira década do século XXI (cf. MacArthur: 13-11-2009). Esta tarefa tinha por finalidade a elaboração de uma tabela com informações sobre cada um dos livros. Assim, comecei por proceder à divisão dessas obras por categoria (ficção, não ficção, infanto-juvenil e poesia). De seguida, recolhi informações sobre os respectivos conteúdos. Na fase seguinte, pesquisei quais desses títulos foram objecto de uma tradução portuguesa, em que editora, quando foram dados à estampa e qual o respectivo preço. A livraria virtual do Grupo Porto Editora conhecida como WOOK,³⁴ o motor de busca Google e a Base de Dados Bibliográficos PORBASE³⁵ revelaram-se ferramentas de trabalho fundamentais na prossecução destas tarefas.

3.4 Tradução de artigos e outros textos

Efectuei a tradução, do inglês para o português de alguns artigos³⁶ sobre a obra *The Storm of War: A New History of the Second World War*, de Andrew Roberts (n. 1963), jornalista, biógrafo e historiador inglês. Neste livro, o autor analisa todas as frentes da II Guerra Mundial, descreve os crimes terríveis que se tornaram possíveis no contexto da guerra, designadamente o genocídio sobre os judeus e ciganos. Interroga-se se, com um processo de decisão e uma estratégia diferentes, as forças do chamado Eixo, lideradas por Hitler, teriam ganho a Guerra. O objectivo deste trabalho era seleccionar excertos destes artigos, que pudessem ser utilizados na contracapa ou em material promocional do livro e que tivessem com impacto em termos de *marketing*.

Traduzi igualmente do inglês para o português a informação contida nas badanas e sobrecapa da obra *The Three Emperors* de Miranda Carter (vd. *supra*, 3.2.), que a Texto Editores publicou em 2010.

³⁴ Livraria portuguesa *online* da responsabilidade do Grupo Porto Editora, in: <http://www.wook.pt/> (consultado em 23-11-2009).

³⁵ Base Nacional de Dados Bibliográficos. <http://porbase.bnportugal.pt/> (consultado em 23-11-2009).

³⁶ Vd. Lista de artigos traduzidos abaixo, na bibliografia.

Efectuei ainda a tradução para o português dos livros *I can... draw pets* e *I can... write at home*, ambos de Simon Abbott, originalmente publicados pela editora Kingfisher, Macmillan Children's Book. A Texto Editores ponderava então a possibilidade de uma edição em português.

3.5 Proposta de texto para contracapa

Além da contraprova do livro *O Estado Novo de Salazar*, de Hipólito de la Torre Gómez (vd. *supra*, 3.2), também fiz uma proposta para o texto da respectiva contracapa, tendo como base o texto da contracapa do original espanhol. A elaboração da sinopse de um livro implica uma boa capacidade de síntese, pois, sem ultrapassar uma centena de palavras, o texto deve apresentar um resumo do livro em questão.

Sinopse da edição original em língua espanhola:

Es una síntesis documentada del medio siglo de historia portuguesa dominada por la figura y el régimen de Salazar. Remontándose al proceso de crisis del estado liberal en Portugal, el libro explica el por qué y el cómo del advenimiento de la dictadura, su naturaleza y desarrollo, la acción de las fuerzas opositivas, de las disidencias internas y el papel de los militares. Analiza así mismo los principales planos condicionantes del mantenimiento y crisis del Estado Novo: el marco internacional, los cambios socioeconómicos, el problema colonial. En las últimas páginas se aborda el fracaso de la estrategia renovadora de Marcelo Caetano y el proceso que conduce al golpe militar del 25 de Abril de 1974, concluyendo con un capítulo donde se discute el tema del fascismo en Portugal. (*El Portugal de Salazar* (1997), Madrid: Arco Livros)

Proposta por mim apresentada:

N' *O Portugal de Salazar* Hipólito de la Torre Gómez, historiador especializado na História Contemporânea Peninsular, nomeadamente na História Política e Social de Portugal, sobre a qual já publicou outros livros, faz uma síntese documentada do Estado Novo e da sua figura principal Salazar. Para isso retoma a crise do liberalismo português, a posterior Ditadura Militar (1926-1928) e a construção do Estado Novo entre 1928-1933 quando Salazar ocupa o ministério das Finanças. Analisa também os 41 anos que durou o Estado Novo, as suas características, política interna e externa, relações internacionais, o problema colonial. Nas últimas páginas aborda a «Primavera» marcelista e o processo que conduziu ao golpe militar de 25 de Abril de 1974, concluindo com um capítulo onde se discute a questão do fascismo em Portugal.

Sinopse da edição em língua portuguesa:

Tendo como ponto de partida a figura de António de Oliveira Salazar, esta síntese documentada do meio século de História portuguesa dominada pela figura do estadista e pelo seu regime remonta ao processo de crise do estado liberal em Portugal e explica as razões do advento da ditadura, não esquecendo a sua natureza e desenvolvimento, a acção das forças da oposição, das dissidências internas e o papel dos militares. Com uma análise dos principais condicionamentos à manutenção do Estado Novo, aborda ainda o fracasso da estratégia renovadora de Marcelo Caetano e o processo que acabou por conduzir ao golpe militar de 25 de Abril de 1974. (*O Estado Novo de Salazar* (2009), Alfragide: Texto Editores)

3.6 Pesquisas de obras por temas e recolha de obras para reedição

Dado que a Texto Editores pretendia publicar um livro sobre a Guerra Peninsular (1807-1814), pesquisei livros publicados em Portugal sobre esse acontecimento histórico e respectivos autores, se se tratava de traduções, tendo elaborado igualmente as correspondentes sinopses e fichas técnicas. Investiguei também a aceitação que estas obras beneficiaram junto do público leitor com base nos números de venda.

A pedido da minha orientadora na editora, desloquei-me à Biblioteca Municipal Central do Campo Pequeno a fim de requisitar os seguintes livros com vista a uma possível reedição:

- *A Primeira República Portuguesa: Alguns Aspectos Estruturais*, de A. H. de Oliveira Marques, 3.^a edição, Livros Horizonte, 1980;
- *Seis Estudos de Psicologia*, de Jean Piaget, 11.^a edição, D. Quixote, 2000;
- *O Discurso Filosófico da Modernidade*, de Jürgen Habermas, crítico António Marques, 3.^a edição, D. Quixote, 2000.

3.6.1 Comentário crítico

A realização das tarefas acima referidas permitiu-me ter uma maior percepção do trabalho diversificado de um assistente editorial. Durante o curso já tinha aprendido que o trabalho numa editora é multifacetado e complexo, no entanto, somente no contexto do Estágio, *in loco* numa editora comercial, é que compreendi a verdadeira dimensão desta profissão.

Dado que não sou especialista em tradução, senti a falta de conhecimentos técnicos e linguísticos para verter do inglês para o português os textos de que fui incumbida. Tentei ultrapassar estes obstáculos recorrendo amiúde a dicionários e enciclopédias. Tenho contudo consciência de que, apesar de ter dado o meu melhor, em alguns casos, a tradução que elaborei ficou muito aquém de ser perfeita. Tive oportunidade de manifestar estas minhas perplexidades à minha orientadora, que sempre se mostrou disponível para me ajudar.

Quando me foi pedido que redigisse uma proposta para o texto da contracapa do livro *O Estado Novo de Salazar*, de Hipólito de la Terra Gómez (*vd. supra*, 3.5), além de me basear no texto da contracapa do original espanhol, tive ainda em linha de conta que comumente o texto da contracapa, numa centena de palavras, apresenta informações sobre a obra, a sua estrutura e objectivo, e sobre o autor. Apesar de grande parte do potencial comercial de uma obra se encontrar na capa, os elementos da contracapa são igualmente muito importantes. Nessa medida, a sinopse a colocar na contracapa do livro deve apresentar um resumo atractivo da obra susceptível de captar imediatamente a atenção do leitor.

As diversas pesquisas que efectuei ao longo do Estágio ajudaram-me a manter informada sobre o que é publicado em Portugal e no estrangeiro e a inteirar-me das questões que estão a ser debatidas, no âmbito da edição nacional e internacional.

4 Apreciação global do Estágio

O presente relatório pretende retratar, de forma concisa, as funções de Assistente Editorial que desempenhei durante o Estágio na Texto Editores. O privilégio de estagiar nesta casa editora permitiu-me complementar e fazer uso prático dos ensinamentos que aprendi, em diferentes áreas, quer na parte escolar do presente Curso de Mestrado, quer ao longo da Licenciatura em Estudos Editoriais, que concluí na Universidade de Aveiro.

Tenho consciência de que, em certos casos, a reflexão crítica por mim apresentada neste relatório não faz justiça à aprendizagem que constituiu o meu Estágio. Eu levava na bagagem a teoria, porém existe todo um *know-how* que só se adquire no contexto prático. Esse conhecimento resulta da capacidade de lidar com as situações mais diversas que vão surgindo no dia-a-dia de uma editora. Estas situações depressa se transformam em verdadeiras lições de vida, que se tornam muitas vezes difíceis de traduzir por palavras.

Um dos procedimentos definidos no regulamento do Estágio é a elaboração de um Plano de Estágio, em que são enumeradas as diferentes funções que o estagiário deve cumprir, fazendo a ressalva que estas podem ser alteradas de acordo com o volume e tipo de trabalho do organismo de acolhimento. Resumidamente, o meu Plano de Estágio (*vd. infra*, Anexo 3) encontra-se dividido em seis actividades:

- Revisão e Tradução;
- Compra de Direitos de Autor;
- Análise de Propostas Editoriais;
- Comunicação e *marketing*;
- Produção – o objecto livro;
- Investigação da recepção pelo público-leitor e pela crítica, bem como dos resultados comerciais.

Maioritariamente o meu Plano foi cumprido, todavia durante o meu Estágio foi necessário fazer algumas adaptações circunstanciais, que foram discutidas com a Dr.^a Sara Gomes e com a Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira. Na sua maioria, essas alterações resultaram da urgência de trabalhos vários que iam surgindo no dia-a-dia da editora. Por isso, tal como descrevi no presente relatório, as tarefas que desenvolvi foram a leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres, revisão de provas, tradução de artigos e outros textos, proposta de texto para contracapa, recolha e tratamento de informação na imprensa especializada e outras tarefas pontuais.

A leitura crítica de originais e elaboração dos respectivos pareceres foi uma das tarefas que mais tempo me ocupou durante o Estágio. Quando iniciei esta actividade apercebi-me que não basta saber e gostar de ler, pelo que a formação que recebi da Dr.^a Sara no âmbito da análise de propostas editoriais foi de facto indispensável. Percebi que é preciso ler com um sentido crítico, pois além da qualidade intrínseca da obra, é preciso discernir se, entre outros aspectos, se trata de uma aposta viável ao nível comercial, se esta se enquadra no catálogo da editora, se é mais uma obra sobre esta ou aquela temática, ou se pelo contrário traz realmente algo de novo. Na avaliação de obras infanto-juvenis, os conhecimentos que obtive na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil revelaram-se muito úteis na avaliação que tive de fazer deste tipo de obras. Se a avaliação de obras de cariz literário não me levantaram grandes problemas, já a avaliação de livros técnicos sobre temáticas que não domino, nomeadamente de matemática, de filosofia, ou de psicologia, revelou-se muito mais espinhosa.

Os conhecimentos que obtive na disciplina de Técnicas de Revisão Textual, afecta à Licenciatura em Estudos Editoriais, aliados aos que adquiri em Design Editorial revelaram-se muito importantes na prossecução das diversas tarefas de que fui incumbida. Na verdade, as regras de normalização tipográfica e a sinalética de revisão textual aprendidas nessas disciplinas foram aplicadas e aperfeiçoadas durante o Estágio. A ajuda tanto da Dr.^a Sara como da sua assistente Ana Beatriz Manso foi fulcral em alguns casos, pois quando tinha alguma dúvida, os «olhos tipográficos» de ambas, francamente mais treinados que os meus, ajudaram-me a superar as dificuldades com que me deparei.

Ao nível da comunicação e *marketing*, a pesquisa de informação na imprensa especializada, sobretudo estrangeira, e na internet elucidou-me sobre questões de índole vária que estão actualmente a ser debatidas em Portugal e no estrangeiro. O trabalho de pesquisa que realizei manteve-me ainda actualizada sobre o que é publicado no mercado do livro a nível nacional e internacional, quais são as grandes tendências, uma vez que o mundo editorial e as preferências dos leitores se encontram em constante mutação. Como é sabido, as listas de *best-sellers* de hoje são muitas vezes a lista de estrelas cadentes de amanhã.

Quando foi incumbida de traduzir resenhas literárias e outros artigos senti a falta de conhecimentos técnicos e linguísticos necessários para elaborar essas traduções, tendo recorrido amiúde a dicionários e enciclopédias no sentido de superar os obstáculos com

que me deparei. Tendo noção de que, ainda que tenha dado o meu melhor, em alguns casos, a tradução que elaborei apresenta algumas imperfeições.

Além do texto em si, dois elementos importantes de um livro são, sem sombra de dúvidas, a capa, pois esta prefigura grande parte do potencial comercial de uma obra, e a contracapa. Tendo isso em atenção, quando redigi uma proposta para o texto da contracapa do livro *O Estado Novo de Salazar*, de Hipólito de la Terra Gómez (vd. *supra*, 3.5), além de me basear no texto da contracapa do original espanhol, tentei escrever um texto tão conciso quanto apelativo. Esta tarefa exige uma boa capacidade de síntese, que julgo ter treinado com proficiência ao longo do meu Estágio.

Analisando em perspectiva o meu Estágio, devo acrescentar que existe um conjunto de actividades que não tive a oportunidade de realizar e que considero importante para a minha formação como assistente editorial, nomeadamente:

- travar conhecimento com os procedimentos ligados à compra de direitos de autor e ao contacto com agentes literários, uma experiência que completaria a formação teórica que obtive na disciplina Propriedade Intelectual e Direitos de Autor;
- frequentar sessões de *brainstorming* sobre *design* de capas e de materiais promocionais (folhetos, marcadores de livros e expositores), que me permitiriam adquirir noções substancialmente mais sólidas sobre estes processos;
- já que durante o Estágio analisei diversas propostas editoriais, teria sido enriquecedor acompanhar processos de tomada de decisão, a fim de perceber quais os parâmetros que pesam na decisão final;
- a introdução prática a aspectos relacionados com o objecto livro, ao nível do formato, papel, acabamentos e o acompanhamento dos trabalhos de pré-produção (paginação, revisão), complementar a minha formação teórica nesses campos.

Em modo de conclusão, devo acrescentar que o Estágio na Texto Editores e a convivência com uma equipa multifacetada e competente me permitiram aprender muito sobre as actividades variadas que são desenvolvidas numa grande casa editora. O Estágio que tive a sorte de fazer na Texto Editores constituiu uma inegável mais-valia para a minha formação na área da teoria e da prática editoriais. Devo dizer que este Estágio me fez crescer também muito como pessoa. Bem hajam Universidade de Aveiro e Texto Editores por me terem deixado beneficiar desta produtiva parceria.

5 Bibliografia

- ALFARO, José Carlos (2008), «Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor)», *B: MAG – Booktailors Publishing Magazine*, 1, p. 40-41.
- ESTRELA, Edite / SOARES, Maria Almira / LEITÃO, Maria José (2009), *Saber Escrever uma Tese e Outros Textos*, 7.^a ed. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- FURTADO, José Afonso (2008), *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, Lisboa: Booktailors – Consultores Editoriais.
- GOMES, Isabel (2009), *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editores.
- MARTINS, Jorge Manuel (2005), *As Profissões do Livro: Editores e Gráficos, Críticos e Livreiros*. Porto: Verbo.
- MACARTHUR, Brian (13/11/2009), «100 books that defined the noughtie», *The Telegraph*, in: <http://www.telegraph.co.uk/culture/books/6554803/100-books-that-defined-the-noughties.html> (consultado em 15/09/10).
- MEDEIROS, João Bosco (2002), *Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão*. São Paulo: Atlas.
- NUNES, Maria Leonor / RÊGO, Francisca Cunha / FREIRE, Rita Silva (orgs.) (2/15-01-2008), «Concentração editorial em Portugal - uma revolução anunciada», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 972, p. 10-13.
- PINTO, Maria José Nogueira (2010), «Prefácio», in: Gomes, Isabel, *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editores.
- TEIXEIRA, Isaias Gomes (Fev. 2008), «protagonista: Isaias Gomes Teixeira», *Os Meus Livros*, n.º 60, p. 50-54.
- VIEGAS, Francisco José, «Editorial», *Revista LER*, in: <http://ler.blogs.sapo.pt/46478.html> (consultado em 01/03/2011).
- ZOID, Gabriel (2008), *Livros de Mais: Ler e Publica na Era da Abundância*. Lisboa: Temas e Debates.

5.1 Webgrafia

- Academia do Livro: <http://www.academiadolivro.com.pt/> (consultado em 21/06/2011)
- ASA: <http://www.asa.pt/home.php> (consultado em 22/06/2011)
- Base Nacional de Dados Bibliográficos: <http://porbase.bnportugal.pt/> (consultado em 23/11/2009)
- BIS: <http://bisleya.blogs.sapo.pt/> (consultado em 22/06/2011)
- Booktailors – Consultores Editoriais: <http://www.booktailors.com/> (consultado em 08/02/2011)
- Caderno: <http://www.caderno.leya.com/> (consultado em 22/06/2011)
- Casa das Letras: <http://www.casadasletras.leya.com/> (consultado em 20/06/2011)
- Dom Quixote: <http://www.dquixote.pt/> (consultado em 23/06/2011)
- Editorial Caminho: <http://www.caminho.leya.com/> (consultado em 22/06/2011)
- Editorial Teorema: <http://www.editorialteorema.pt/> (consultado em 20/06/2011)
- Estrela Polar: <http://www.estrelapolar.leya.com/> (consultado em 21/06/2011)
- Gailivro: <http://www.gailivro.pt/> (consultado em 30/06/2011)
- Grupo Editorial LeYa - Angola: <http://www.leya.co.ao/> (consultado em 26/06/2011)
- Grupo Editorial LeYa - Moçambique: <http://www.leya.co.mz/> (consultado em 26/06/2011)
- Grupo Editorial LeYa: <http://www.leya.com/> (consultado em 20/06/11)
- Infopédia, dicionário virtual do Grupo Porto Editora, <http://www.infopedia.pt/> (consultado em 25/01/2011)
- Linha Universal: <http://www.universal.pt/main.php?id=4> (consultado em 16/06/2011)
- Livros d’Hoje: <http://www.livrosdhoje.leya.com/> (consultado em 30/06/2011)
- Lua de Papel: <http://www.luadepapel.pt/index.php> (consultado em 30/06/2011)
- MEDIABOOKS, livraria virtual do Grupo Editorial LeYa: <http://www.mediabooks.com> (consultado em 26/05/2010)
- NOVAGAIA: <http://www.novagaia.leya.com/> (consultado em 28/06/2011)
- Oficina do Livro: <http://www.oficinadolivro.pt/> (consultado em 20/06/11)
- Quinta Essência: <http://www.quintaessencia.leya.com/> (consultado em 21/06/2011)
- Sebenta: <http://www.sebenta.com/> (consultado em 20/06/2011)
- Sítio da APCER: <http://www.apcer.pt/index.php> (consultado em 25/05/2010)
- Sítio da EEPG: <http://eepg.org/aims-objectives/> (consultado em 02/06/2010)
- Sítio da ISO: <http://www.iso.org/iso/home.htm> (consultado em 16/06/2011)
- Sítio do IPQ: <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?modid=1576&pagid=3352> (consultado em 25/05/2010)
- Sítio dos Prémios de Edição: <http://premiosdeedicao.blogs.sapo.pt/> (consultado em 10/03/2011)
- Texto Editores – Moçambique: <http://mz.textoeditores.com/> (consultado em 15/06/2011)
- Texto Editores: <http://pt.textoeditores.com/> (consultado em 22/05/11)
- Wook, livraria virtual do Grupo Porto Editora: <http://www.wook.pt/> (consultado em 23/11/2010)

5.2 Propostas de publicação que analisei e que entretanto foram publicadas

- ABRAHAM, Suzanne (2010), *Distúrbios Alimentares*. Alfragide: Texto Editores.
- CURADO, Manuel, OLIVEIRA, Nuno (2010), *Pessoas Transparentes - Questões Actuais de Bioética*. Coimbra: Edições Almedina.
- KHAN, Irene (2010), *A Verdade Desconhecida: Pobreza e Direitos Humanos*. Lisboa: Editora Objectiva.
- LAIA, Amaro, MOEDAS, Carlos (2010), *O Novo Paradigma do Investimento Imobiliário*. Lisboa: Sabedoria Alternativa.
- MUEKALIA, Jardo (2010), *Angola - A Segunda Revolução. Memórias da Luta pela Democracia*. Lisboa: Sextante Editora.
- SELIKOWITZ, Mark (2010), *Dislexia*. Alfragide: Texto Editores.
- TAVARES, Manuela (2011), *Feminismos: Percursos e Desafios*. Alfragide: Texto Editores.

5.3 Obras que li e sobre as quais redigi um parecer

- ABRAHAM, Suzanne (2008), *Eating Disorders – The Facts*. Inglaterra: Oxford University Press.
- BADEL, Ronan, FAES, Geraldine (2003), *Petits Histoires de Mots*. França: Pere Castor.
- BAKER, Stephen (2008), *The Numerati*. Inglaterra: Vintage.
- BELLOS, Alexandre (2010), *Alex's Adventures in the Numberland*. Inglaterra: Bloomsbury Publishing Plc.
- DRAZNIN, Boris (2008), *Living with Diabetes – Dr. Draznin's Plan For Better Health*. Inglaterra: Oxford University Press.
- KHAN, Irene (2009), *The Unheard Truth: Poverty and Human Rights*. Inglaterra: W. W. Norton & Company.
- LEPELTIER, Thomas (2010), *Univers Parallèles*. França: Seuil.
- LESLIE, Ian (2011), *Born Liars – Why We Can't Live Without Deceit*. Inglaterra: Quercus Publishing Plc.
- MCRAE, Hamish (2010), *What Works*. Inglaterra: HarperCollins Publishers.
- MOORE, Peter (2006), *Little Book of Big Ideas: Science*. Inglaterra: A & C Black Publishers Ltd.
- NEWITT, Malyn (2009), *Portugal in European and World History*. Inglaterra: Reaktion Books.
- NOBRE, Eduardo (2004), *Duelos & Atentados*. Lisboa: Quimera.
- NORTON, Michael (2007), *The Everyday Activist*. Inglaterra: Pan MacMillan.
- RAWSON, Andrew (2009), *The Peninsular War – a Battlefield Guide*. Inglaterra: Pen & Sword Books Ltd.
- SELIKOWITZ, Mark (1998), *Dyslexia and Other Learning Difficulties – The Facts*. Inglaterra: Oxford University Press.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1987), *O Marquês de Pombal, o Homem, o Diplomata e o Estadista*, 2.^a ed. Lisboa (s. ed.)

STANGROOM, Jeremy (2006), *Little Book of Big Ideas: Philosophy*. Inglaterra: A & C Black Publishers Ltd.

SUÁREZ, Luis (2009), *Lo Que El Mundo Le Debe A España*. Espanha: Ariel.

5.4 Obras de que elaborei a respectiva contraprova

ALY, Götz (2009), *O Estado Popular de Hitler*. Alfragide: Texto Editores.

CASTILHO, J. M. Tavares (2010), *Os Procuradores da Câmara Corporativa (1935-1974)*. Alfragide: Texto Editores.

CRAVO, Domingos *et al.* (2009), *SNC (Sistema de Normalização Contabilística) Comentado*. Alfragide: Texto Editores.

FERNANDES, Paulo Jorge (2010), *Mariano Cirilo de Carvalho – O «Poder Oculto» do Liberalismo Progressista (1876-1892)*. Alfragide: Texto Editores.

GÓMEZ, Hipólito de la Torre (2009), *O Estado Novo de Salazar*. Alfragide: Texto Editores.

MARCHI, Riccardo (2009), *Império, Nação, Revolução - As Direitas Radicais Portuguesas no Fim do Estado Novo (1959-1974)*. Alfragide: Texto Editores.

NETO, Vítor (2009), *A Questão Religiosa no Parlamento (1821-1910) – Vol. 1*. Alfragide: Texto Editores.

PIAGET, Jean (2010), *Seis Estudos de Psicologia*. Alfragide: Texto Editores.

SARDO, Susana (2011), *Guerras de Jasmim e Mogarim*. Alfragide: Texto Editores.

5.5 Artigos traduzidos

Anon. (23/07/2009), «The road to hell», *The Economist*, in: <http://www.economist.com/node/14082081> (consultado em 17/11/2009).

BURLEIGH, Michael (30/07/2009), «The winning principles», *London Evening Standard*, p. 35.

PINDAR, Ian (29/08/2009), «The Storm of War by Andrew Roberts», *The Guardian*, in: <http://www.guardian.co.uk/books/2009/aug/29/the-storm-of-war-review> (consultado em 18/09/2009).

ROBINSON, Dave (27/09/2009), «Interview: Andrew Roberts - Revelling in history», *The Scotsman*, in: <http://living.scotsman.com/features/Interview-Andrew-Roberts--.5591724.jp> (consultado em 18/09/2009).

SERVICE, Robert (09/08/2009), «Adolf Hitler: his own part in his downfall», *The Observer*, in: <http://www.guardian.co.uk/books/2009/aug/09/storm-of-war-andrew-roberts> (consultado em 17/11/2009).

SHAKESPEARE, Sebastian (05/08/2009), «Andrew Roberts is the social historian», *London Evening Standard*, in: <http://www.thisislondon.co.uk/lifestyle/article-23728595-andrew-roberts-is-the-social-historian.do> (consultado em 18/11/2009).

6 Anexos

Anexo 1 - Pareceres dos originais que entretanto foram dados à estampa³⁷

Título: *Eating Disorders - The Facts*

Autora: Suzanne Abraham, professora no Departamento de Saúde para Mulheres da Universidade de Sydney. Trabalha com pessoas de todas as idades que sofrem distúrbios alimentares.

Este livro faz parte da colecção da *Oxford University Press* chamada *The Facts*, que conta com mais de 30 títulos, cada um dedicado a uma doença, problema de saúde.

Eating Disorders - The Facts é um guia pelo mundo dos distúrbios alimentares, focalizando-se na anorexia, bulimia e obesidade. A autora explica que estes problemas afectam maioritariamente as mulheres, principalmente a partir da puberdade, idade na qual as raparigas começam a ter complexos e preocupações com o seu aspecto físico.

Este guia refere como estes distúrbios surgem, explicando de seguida cada um deles, o seu diagnóstico, tratamentos e fases.

Ao longo do livro são apresentados diversos testemunhos de pessoas que já passaram, ou ainda estão a recuperar de um destes problemas, o que sentem, pensam, fazem. Uma espécie de diário pessoal que as acompanha ao longo do processo de recuperação.

No final do livro figura uma tabela de conversão do IMC (Índice de Massa Corporal), o QOL ED (questionário sobre a qualidade de vida: distúrbios alimentares) e um glossário com os principais termos utilizados ao longo do livro.

Escrito de forma clara e apreensível, este livro é tido como um bom recurso sobre os distúrbios alimentares para as doentes e seus familiares, pois além da informação e explicações que disponibiliza, apresenta ainda listas com as ideias-chave a reter, chamadas de atenção, tabelas e quadros com estudos e inquéritos realizados sobre estes distúrbios.

Público-alvo: doentes, pais e familiares, médicos, enfermeiros, profissionais de saúde, professores, e todos os se que queriam informar sobre este tema, sem terem de recorrer a uma pesada, e por vezes complicada, enciclopédia médica.

Na minha opinião este livro é pertinente, dado que estes problemas afectam cada vez um maior número de pessoas, logo quanto mais informado se estiver melhor, ainda mais quando se trata de livro de fácil leitura e compreensão.

³⁷ Alguns destes pareceres foram retocados com vista a serem colocados neste relatório.

Título: *Pessoas Transparentes – Questões Actuais de Bioética*

Autores: Manuel Curado e Nuno Oliveira

Trata-se de um conjunto de estudos sobre Direito Biomédico e Bioética, disciplinas que estudam as implicações éticas e filosóficas da investigação científica e dos problemas levantados pela aplicação da ciência e da tecnologia ao estudo de seres vivos. Para tal são apresentados vários estudos de especialistas do campo da Ética e do Direito.

Público-alvo: profissionais das Ciências da Saúde, pessoas que estudem Bioética, estudantes e licenciados em Direito, juristas e pessoas das Ciências Humanas.

Apesar de no correio electrónico ter sido referido que o manuscrito se encontra pronto para impressão, tendo em conta o conjunto de regras da *Cartilha de Edição* da Texto Editores ao nível da paginação, formatação do texto, seja na utilização das aspas, itálicos, hifenizações, o texto precisa de ser revisto.

O facto de os autores serem professores da área em questão é uma mais-valia, tornando o manuscrito num livro a ser recomendado nas bibliografias dos cursos superiores afectos a este tema.

Título: *The Unheard Truth: Poverty and Human Rights*

Autora: Irene Khan, natural do Bangladesh, é uma activista dos Direitos Humanos, sendo também Secretário-geral da Amnistia Internacional.

Este livro trata-se de uma reportagem na primeira pessoa que chama à atenção para a pobreza mundial, as suas vítimas e os problemas que acarreta, pretendendo ser um alerta e um apelo à justiça.

A autora relembra que a pobreza e os problemas que envolvem as suas vítimas, falta de cuidados médico-sanitários, de alimentação, segurança, violência, condições de habitação, a corrupção, são uma violação dos direitos humanos fundamentais, defendendo que uma abordagem somente económica não é suficiente para acabar com os problemas provocados pela pobreza, é preciso salvaguardar os DH das pessoas que sofrem estes problemas, de forma a erradicá-los.

Sobre este livro Kofi Annan escreve: «O valor do livro de Irene é fazer um caso claro e convincente da importância dos direitos humanos que vai além do argumento moral, Na verdade... dela é uma proposta profundamente pragmática – que protegendo os direitos dos pobres, protege-se a subsistência e liberdade que eles precisam para vencer.»

O livro encontra-se dividido em 10 capítulos, ao longo dos quais a autora refere vários problemas relacionados com a pobreza, ilustrando-os com casos verídicos e algumas fotografias. No final figuram ainda relatórios da Amnistia Internacional.

O livro recebeu várias críticas pela forma como chama à atenção para os problemas que atingem milhões de pessoas que vivem abaixo do limiar da pobreza, o facto de estes não conseguirem fazer-se ouvir, visto que os direitos não são tidos em causa.

O apelo da autora faz-me lembrar o ditado popular: «Se vires um pobre a pedir não lhe dêes um peixe, ensina-o a pescar», ou seja, não se deve dar somente ajuda monetária, que na maioria das vezes é mal distribuída, aumentando ainda mais o fosso entre ricos e pobres, deve-se antes lutar para que os seus direitos humanos sejam salvaguardados, dando-lhes a possibilidade de se ajudarem a si próprios.

Na minha opinião trata-se de um livro impetuoso, que dá voz a quem não tem meios de expressar os seus problemas, uma verdadeira realidade esquecida por muitos.

Título: *Novo Paradigma Imobiliário – Crise Imobiliária e Estratégias Futuras*

Autores: Amaro Laia | Carlos Moedas.

Amaro Laia é Mestre em Gestão e avaliador de imóveis acreditado pela *Royal Institution of Chartered Surveyors*, trabalho que desenvolve há 25 anos. É co-autor do livro «Análise de Investimentos Imobiliários», publicado pela Texto Editores.

Carlos Moedas é Engenheiro Civil, na *Harvard Business School* obteve um (MBA) *Master in Business Administration*. A sua carreira no mundo imobiliário é internacional.

Neste livro é analisado o mundo imobiliário português em pleno tempo de crise, suas particularidades, sua evolução ao longo das últimas décadas, e como os autores prevêem que este se irá comportar e o que deve ser feito para mudar a situação actual.

Além da introdução e da conclusão, o livro encontra-se dividido em 4 capítulos ao longo dos quais é descrita a crise imobiliária mundial e o caso português, as mudanças ocorridas ao longo do tempo neste mercado, fazem ainda uma descrição do mercado português e o que pode vir a acontecer. Para ilustrar algumas situações e conceitos apresentam gráficos e esquemas.

Este livro destina-se ao consumidor comum que se interessa por esta temática, o mercado imobiliário, seus paradigmas, características, passado, presente e futuro.

No que diz respeito ao tom a linguagem utilizada é, a nível geral, acessível, utilizando alguns termos técnicos do ramo. O texto precisa de ser revisto, pois apresenta algumas gralhas, principalmente ao nível da acentuação gráfica.

Alguns quadros e esquemas apresentados são de difícil interpretação, nomeadamente quando explicam como são avaliadas as acções, utilizando equações que, na minha opinião de leiga, não são muito perceptíveis.

Esta temática não é propriamente o meu forte, no entanto penso que os pontos focados são importantes, pois chama à atenção, por exemplo, para o facto de que as leis de arrendamento e crédito à habitação precisam de ser revistas, tal como já tem sido referenciado por especialistas nos meios de comunicação social. Referem ainda que apesar da crise imobiliária ser mundial, Portugal não tem a pior situação, todavia tem de mudar as suas leis para superar a crise, antes que seja tarde de mais, as leis e mentalidades obsoletas têm de ser alteradas para acompanhar a realidade actual e para melhor responder às exigências do mercado.

Título: *No Vendaval da II Revolução - Memórias da Luta Pela Democracia em Angola*

Autor: Jardo Muekalia foi Secretário Adjunto para as relações exteriores da UNITA e é Brigadeiro das FAA, na reserva. Concluiu em 2005 um mestrado em Política Internacional, pelo *Institute of World Politics*, em Washington.

Trata-se de um relato na primeira pessoa sobre a Guerra Civil Angolana sob o ponto de vista da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), na qual o autor participou activamente.

O autor descreve o ambiente da guerrilha, o dia-a-dia dos seus partidários, os conflitos, as relações internas e externas no processo de descolonização e posterior processo de paz.

Este livro tem um interesse cultural e histórico, já que relata a experiência da guerra de guerrilhas Angolana (1976-1991) do ponto de vista de um dos seus participantes, permitindo-nos ver o lado «íntimo» da Guerra Civil Angolana. Além disso retrata também o pós-guerra e o declínio da UNITA.

O autor refere ainda que a correcção do produto final foi da responsabilidade Dr.^a Dalila Mateus, que pode ser contactada durante o processo de avaliação do original.

No que diz respeito ao texto, ao longo da leitura apercebi-me de algumas gralhas, nomeadamente no que diz respeito à acentuação.

Na minha opinião seria uma mais-valia a adição de uma listagem das diversas siglas que aparecem ao longo do texto.

A descrição em livro de efemérides é, normalmente, um fenómeno editorial, pessoalmente considero este livro um bom exemplar.

Título: *Dyslexia and Other Learning Difficulties – The Facts*

Autor: Mark Selikowitz

O objectivo deste livro, segundo Mark Selikowitz, é criar um guia que ajude e dê conselhos úteis e de fácil apreensão para os pais e educadores cujos filhos sofram de algum tipo de problema de aprendizagem.

O autor explica os diversos tipos de dislexia que existem. Nomeadamente, dificuldades de expressão oral e/ou escrita, de realizar e perceber operações matemáticas, reconhecer os números e letras e sua organização, dificuldades de concentração, problemas de relacionamento com os colegas e adultos. Para cada problema descrito Mark Selikowitz refere os vários tratamentos e diagnósticos disponíveis, como os pais devem agir, o que podem fazer para ajudar os seus filhos, seja em tarefas diárias, trabalhos de casa, para melhorar a sua escrita, dicção e leitura, compreensão dos números e letras, etc.

O livro encontra-se dividido em 3 partes. Na introdução o autor apresenta os diversos tipos de problemas de aprendizagem, seus diagnósticos, como os pais podem ajudar; na 2.ª parte refere as diversas áreas em que surgem esses problemas, como devem ser tratados, encarados; na última parte Mark Selikowitz descreve alguns tratamentos menos convencionais e nos quais não vota grande crédito. Refere como os adultos que sofrem destes problemas fazem para os ultrapassar, apresenta ainda alguns casos de pessoas que conseguiram grandes feitos apesar dos seus problemas. Na conclusão acrescenta que ao longo dos tempos várias soluções e tratamentos têm sido encontrados e que ter um problema de aprendizagem não impede uma pessoa de ter uma vida normal e de alcançar o sucesso.

No final do livro figura um apêndice com algumas moradas úteis que teriam de ser adaptadas ao caso português.

Eu gostei de ler este livro, pois a forma como está escrito é de fácil compreensão, sendo uma espécie de guia pelo mundo da dislexia que desmitifica alguns mitos, tranquilizando os pais, isto é, caso o filho sofra algum tipo de problema de aprendizagem nada está perdido, existem tratamentos e dicas que ajudam a melhorar essa situação, permitindo-lhe ultrapassar essas dificuldades.

Título: *Femininos Percursos e Desafios*

Autora: Manuela Tavares, Mestre em Estudos sobre as Mulheres pela Universidade Aberta – Lisboa e doutorada na mesma universidade em 2009.

Segundo a autora, este livro resulta da sua tese de doutoramento «Feminismos em Portugal (1947-2007)», defendida em Março de 2009 na Universidade Aberta, cujo objectivo é delinear e estudar os percursos dos feminismos em Portugal durante essa época.

O período analisado é delimitado por dois marcos históricos. Em 1947 foi encerrado pelo governo salazarista o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, considerado a principal organização portuguesa de mulheres da primeira metade do séc. XX; em 2007 foi realizado um referendo que permitiu a despenalização do aborto.

O livro encontra-se dividido em 3 partes:

- Na primeira parte é definido o que é o feminismo e são descritos os principais acontecimentos das 5 décadas em estudo, as lutas e suas causas, as pessoas envolvidas, as conquistas e recuos.
- Na segunda parte são analisados os resultados dos inquéritos realizados, pela autora, a alunos do 12.º ano das escolas de Almada e Viseu, e faz também uma análise comparativa dos resultados e as conclusões do estudo.
- Na última parte é estudada a evolução das teorias feministas, qual a sua situação actual e as conclusões da autora.

O público-alvo são todas as pessoas que queiram saber mais sobre os percursos dos feminismos, as suas lutas, características e movimentos, conquistas, recuos, pessoas e associações envolvidas.

Ao longo da leitura deparei-me com algumas gralhas ao nível da pontuação, acentuação gráfica e troca de letras. Como seria de esperar numa tese, o texto apresenta diversas citações e notas.

A sua leitura é acessível, não sendo muito académica, trata-se antes de uma obra bem documentada sobre a história das mulheres do séc. XX e da história contemporânea.

O facto de Manuela Tavares, durante o seu percurso académico e profissional, se ter debruçado sobre esta temática torna-a uma especialista neste campo, o que se revela numa mais-valia para a possível publicação desta obra.

Anexo 2 – Cartilha de Edição da Texto Editores



CARTILHA DE EDIÇÃO

Originais de livros (aplicáveis a autores, tradutores, revisores e paginadores)

Índice

Definições gerais

Sobre as notas

Os extra-textos

Formatação do texto

Destaques

Citações

Referências bibliográficas

Questões de ortografia

Convenções

Aspas

Travessão

Percentagens

Números

Itálico

Maiúsculas iniciais

Cores

Versais e versaletes

Convenções de tradução

Regras tipográficas para divisão de palavras

Regras tipográficas para composição de página

Revisão de provas

Definições gerais

- Os textos originais devem ser escritos em processamento de texto, utilizando, preferencialmente, o programa *Word for Windows*. Todo o livro deve ser entregue, também, em versão impressa.
- Por norma, o livro é composto por capítulos numerados a árabe (1, 2 ,3, ...), eventualmente agrupados por partes numeradas a romano (I, II, III ...) sem, no entanto, interromper a numeração dos capítulos. Antes do capítulo 1 deverão ser colocadas, por esta ordem, os eventuais prefácio, agradecimentos, notas biográficas, léxico de siglas e introdução (esta correspondendo ao capítulo 0); após o último capítulo são colocadas as fontes, referências bibliográficas e anexos. Os índices geral, de figuras, quadros e mapas são colocados no princípio do livro; os índices remissivos no fim. Deve ser incluído ainda um documento com toda a informação sobre o livro, contendo, nomeadamente, título e subtítulo, nome(s) e ano(s) de nascimento do(s) autor(es) e indicação da titularidade do *copyright*. As páginas até à introdução (exclusive) são numeradas a romano; as restantes são numeradas a árabe.
- Cada capítulo do livro deve constituir um ficheiro próprio, havendo tantos ficheiros quanto o número de capítulos (considerando-se, para este efeito, cada item acima referido como um capítulo). Sugere-se a utilização, para identificação dos ficheiros, de designações simples como, por exemplo, «cap01.doc» (referente ao capítulo 1). Cada extra-texto (vd. *infra*) deve também ser fornecido em ficheiro autónomo devidamente identificado.

Sobre as notas

- As notas devem ser inseridas no final da página (através do menu «Insert/Footnote», opção «bottom of page», numeração automática), devendo cada capítulo, normalmente, ser tratado como uma unidade independente, isto é, a numeração das notas começa e termina com o capítulo.
- No texto, os números das notas devem ser colocados no final do período relativamente ao qual se pretende adicionar esse elemento informativo ou explicativo e sempre após o sinal de pontuação.
- Nos casos de notas muito grandes, estas podem ser divididas por várias páginas.

Os extra-textos

- Todos os materiais que não sejam textos (doravante designados por «extra-textos»), tais como mapas, gráficos, quadros, gravuras ou fotografias, devem ser integrados em ficheiros autónomos, com designação própria.
- Entende-se como «figuras» todas as representações do tipo diagramas, gráficos, fotografias, desenhos, mapas, gravuras e outras de idêntica natureza, enquanto que por «quadro» se entendem os quadros contendo dados numéricos ou qualitativos.
- Tanto as «figuras» como os «quadros» devem ser numerados por capítulo (figura 1.1, é a 1.ª figura do capítulo 1, enquanto o quadro 3.5 corresponde ao quadro número 5 do capítulo 3).

Formatação do texto

- Na organização do texto de cada capítulo, devem os autores utilizar o formato de *Headings*,³⁸ sempre que se trate de títulos de capítulos ou de secções do capítulo.
- Estes formatos existem pré-definidos no programa Word bastando, portanto, inserir-los de acordo com a situação específica. Assim, caso de trate de título de capítulo, utilizar-se-á o *Heading 1*; no caso de ser um título de uma secção dentro do capítulo utilizar-se-á o *Heading 2*; o *Heading 3* será utilizado nos casos em que haja um segundo nível de título de secção dentro do capítulo. Como regra geral, um texto não deverá ter mais de três níveis.
- Os formatos *Headings* estão armazenados no menu *Format*³⁹ na opção *Style*,⁴⁰ podendo, também, ser seleccionados através da janela correspondente a essa opção e que, por regra, apresenta a indicação de «Normal», correspondente ao estilo corrente.

Destaques

Sempre que se queira destacar um termo ou frase, utilize o itálico e não o *bold*⁴¹ ou *underline*.⁴²

Citações

- As citações devem ser feitas com o texto entre aspas e não em negrito, itálico ou sublinhado, exceptuando os casos em que o texto original citado contenha partes grafadas com esse tipo de destaque.
- Quando o termo da citação coincidir com o final do período, o ponto final aparece a seguir às aspas que fecham o trecho citado.
- Se, porventura, o período é totalmente preenchido pela citação, as aspas abrem e fecham o período (incluindo o ponto final) não havendo lugar a ponto final após as aspas de fecho.
- Quando o trecho a citar ocupar quatro ou mais linhas de texto, a citação deverá ocupar um parágrafo próprio, sem recurso a itálico ou aspas mas com a letra em tamanho inferior à do texto e margem de aproximadamente 1 cm do lado esquerdo.
- Todas as citações em línguas estrangeiras devem ser traduzidas. Exceptuam-se os casos em que a transcrição na língua original sirva objectivos de interpretação do sentido controverso do texto original, devendo nesse caso inserir-se a tradução em nota.

Referências bibliográficas

Sempre que o texto inclua bibliografia autónoma e, portanto, constando de ficheiro próprio, as referências bibliográficas no corpo do texto devem conter, para além do apelido do autor, a indicação do ano da edição e, se for caso disso, a(s) página(s) correspondente(s). Por exemplo:

³⁸ «Cabeças», na versão portuguesa do programa.

³⁹ «Formato», na versão portuguesa do programa.

⁴⁰ «Estilo», na versão portuguesa do programa.

⁴¹ «Negrito», na versão portuguesa do programa.

⁴² «Sublinhado», na versão portuguesa do programa.

«Segundo Goldstein (1984) o fenómeno das profissões ...»

ou então

«... de acordo com Eisenstadt, aquelas que estão ‘relacionadas com as esferas centrais e símbolos da sociedade e que representam a comunidade’» (1968: 64-65)

ou ainda

«... de acordo com o autor, aquelas que estão ‘relacionadas com as esferas centrais e símbolos da sociedade e que representam a comunidade’» (Eisenstadt, 1968: 64-5).

A bibliografia deve ser organizada de acordo com os seguintes exemplos:

Ansart, Pierre (1970), *Sociologie de Saint-Simon*, Paris, PUF.

Bauer, Michel, e Elie Cohen (1980), «Le gouvernement de la grande entreprise: pouvoir de la propriété ou appropriation du pouvoir?», *Sociologie du Travail*, 2, pp. 35-64.

Bourdieu, Pierre, e Jean-Claude Passeron (1981), «Os herdeiros: o ensino superior e as desigualdades sociais», in Maria Filomena Mónica (org.), *Escola e Classes Sociais*, Lisboa, Presença, pp. 125-148

Kovács, I., e outros (1994), *Mudança Tecnológica e Organizacional: Análise de Tendências na Indústria*, Lisboa, SOCIUS, ISEG.

Note-se que a separação entre os componentes das referências é feita sempre com a utilização da vírgula. Saliente-se ainda que:

- independentemente do modo como vêm grafados no original, usam-se maiúsculas nos títulos dos livros e minúsculas nos dos artigos;
- quando há mais de um autor, apenas para o primeiro se troca a ordem «nome, apelido» (quando se trata de texto incluído numa colectânea mantém-se essa ordem nos nomes de todos os organizadores);
- antes dos títulos das revistas não se utiliza a expressão *in*;
- os números das revistas não são precedidos da expressão «n.º»;
- quando as revistas forem numeradas por volume, usa-se a notação volume (número) [ex.: *Etnográfica*, II (1)];
- a separação entre o título e o subtítulo de uma obra, artigo ou revista deve ser feita com dois pontos, independentemente da grafia original;
- sempre que se queira referir a data da edição original, recomenda-se o uso da notação «(data da edição original, data da edição consultada)», recomendando-se que, no corpo do texto, a referência seja identificada com a data original.

Nos nomes das cidades onde se localiza a editora, sempre que estas tenham uma tradução portuguesa corrente utilizar-se-á esta e não a designação original (Nova Iorque e não New York, Amesterdão e não Amsterdam, Londres e não London, etc.).

Questões de ortografia

- A expressão «etc.», quando no final de período, não tem ponto final (*nunca* grafar etc..).
- Quando no final de um período houver reticências, não haverá lugar a ponto final, mas poderá existir vírgula se aquelas estiverem inseridas numa frase.
- Na escrita de siglas, não se deve colocar pontos a separar as iniciais (EUA e não E.U.A., UE e não U.E, ISCTE e não I.S.C.T.E.); pontos entre maiúsculas são usados apenas nas abreviaturas de nomes próprios de pessoas (ex.: PP = Partido Popular, e P.P. = Paulo Portas). Note-se que os acrónimos não são escritos em caixa alta (ex.: Falintil e não FALINTIL).
- As siglas não têm plural (PALOP e não PALOP's, ONG e não ONG's): note-se que o singular de PALOP será, por exemplo, Angola.
- No caso de siglas com tradução de uso corrente, deve usar-se esta e não a original (EUA e não USA, UE e não EU, ONU e não UN, etc.).
- Termos estrangeiros habitualmente não traduzidos, tais como marketing, software, curriculum, self, etc., são grafados em itálico mas sem aspas (*marketing, software, curriculum, self*), ou, sem itálico mas grafados à portuguesa (média ou *media*, selfe ou *self*).
- Nomes de organizações ou instituições nacionais ou estrangeiras são escritas sem itálico, negrito, sublinhado ou aspas, apenas com a letra inicial de cada termo em maiúscula, à semelhança do que acontece com os nomes de pessoas (ex.: União Europeia, Organização Internacional do Trabalho, Presidência da República, Harvard Business School, etc.).
- A seguir a dois pontos (:) use minúsculas, mesmo quando faz parágrafo e travessão, separando, neste caso, cada item com ponto e vírgula (;).

Sempre que existam dúvidas ortográficas, e particularmente em matéria de hifenização em palavras compostas (ex.: cabo-verdianos e não caboverdianos, socioeconómico e não socio-económico, macrossocial e não macro-social, subgrupo e não sub-grupo), recomenda-se a utilização do *Livro de Estilo do Público* e a consulta da página do *Ciberdúvidas*.

Convenções

Aspas

Aquando da utilização de aspas, deve usar-se «...» e nunca “...” ou a apóstrofe ‘...’. A apóstrofe é usada para indicar aspas dentro de aspas «...’...’...».

Travessão

Sempre que se use o travessão, ele deve ser grafado como tal e não como um hífen ou dois hífenes (--) seguidos. As reticências devem também ser feitas com o respectivo carácter (...) e não com três pontos.

Percentagens

Nas situações em que existe referência numérica a percentagens, deve utilizar-se o respectivo sinal e não a designação por extenso (25% e não 25 por cento).

Números

Quando aparecem números de ordem iguais ou superiores ao milhar, deve usar-se o espaço como separador da casa dos milhares (ex.: 12 500 e não 12.500).

As casas decimais devem ser separadas por vírgulas (1,43); quando o número for inferior a 1 utilizar o zero antes da vírgula (0,94).

Escrevem-se em numeração (árabe ou romana):

- décadas e anos devem ser escritos sob forma numérica e não por extenso («anos 40» e não «anos quarenta», «década de 1960» e não «década de sessenta»).
- anos, meses e dias de idade (o António tem 25 anos, 4 meses, 3 semanas e 5 dias de idade).
- anos, meses e dias de serviço (Tem 33 anos, 4 meses, 3 semanas e 25 dias de serviço);
- datas (17 de Outubro de 1987; período de 1914-1918);
- números de leis, decretos-leis, portarias, despachos, diplomas ministeriais, pareceres e acórdãos (Lei n.º 2030; Decreto-Lei n.º 190/70; parecer n.º 27/X; Acórdão n.º 26/70);
- dinheiros nacionais e estrangeiros (6 libras; 2 milhões de euros; etc.);
- numeração de livros, fascículos, capítulos, secções, subsecções, artigos, números, alíneas, parágrafos, folhas, páginas e cláusulas (livro n.º 123/A; 2.º fascículo; capítulo 1.º ou capítulo I; etc.);
- graus, minutos segundos de ângulo, bem como os grados de um quadrante (3º 26’ 33’’; 50 gr);
- horas minutos e segundos do relógio (às 4 horas e 10 minutos). Nos horários emprega-se também numeração, mas a divisão entre horas e minutos faz-se com dois pontos ou com «h» (às 16:10 ou às 16h00). Não confundir as horas do relógio com

um espaço de tempo, caso em que não se deve usar numeração (durante duas horas e vinte minutos);

- graus de temperatura e de parentesco (19°C; 40°F; 3º negativos; primos em 2.º grau);
- números de ordem (1.º António Sousa);
- números de boletins, processos e depósitos (Boletim n.º 765; processo n.º 5437; depósito n.º 456; etc.);
- edições de livros, tomos, bases e regras (3.ª edição; tomo II; base 1 ou base I; regra 1.ª);
- anos, semestres, trimestres, meses, quinzenas, semanas e dias (1.º ano, 2.º semestre; 32.º dia; etc.);
- números fraccionários superiores a «nove décimos» ($\frac{15}{50}$); mas escreve-se por extenso *um décimo, dois terços, quatro quintos*. Quando aparece «um meio», deve grafar-se «metade»;
- quantidades seguidas de símbolos ou com a designação das unidades por extenso (600 m; 10 t; 26 toneladas métricas; 250 alunos; etc.);
- números estatísticos (a freguesia tinha 3000 habitantes: 500 homens, 600 mulheres e 1900 crianças);
- números de registos;
- quantidades de acções e obrigações (10 acções; 5 obrigações; títulos de 5 acções);
- percentagens e permilagens;
- ciclos de ensino, anos, classes, épocas e valores (1.º ciclo, 4.º ano, 3.ª classe, 2.ª época de exames, 12,3 valores);
- enumeração de cartórios, conservatórias, repartições, secções e entidades semelhantes (1.º Cartório, 4.ª conservatória, 2.ª repartição, 3.ª Secção);
- números de portas, andares, zonas e lotes;
- ordem de séculos, reis e papas (século XX, D. Pedro II, Leão X);
- átomos e regiões (26 átomos; 1.ª Região Militar; III Região Agrícola);
- classes de cargos (escriturário de 1.ª classe; criada de 1.ª).

Note-se que os números acompanhados de símbolos de medida devem ter espaço entre si (1 l, 2 kg, 3 t, etc.), com excepção dos símbolos de medidas de temperatura (°C, °F, °R), que seguem os números a que se referem (22°C, 40°F, 3°R).

Itálico

Usa-se o itálico:

- nos títulos de obras literárias, de jornais e de todo o tipo de publicações;
- nos títulos de produções artísticas de qualquer género (filmes, peças de teatro, programas de televisão, quadros, peças musicais);
- nas designações de navios de guerra ou mercantes e de todo o tipo de embarcações;
- nos cognomes e apodos (D. Manuel I, *o Venturoso*; José Manuel, *o Facadas*);
- nas designações de marcas;

- nos vocábulos, frases ou períodos em língua estrangeira intercalados num texto português;
- nos vocábulos, frases ou períodos que o autor quiser destacar;
- nos nomes de animais ou objectos, para evitar confusão com nomes de pessoas.

Maiúsculas iniciais

Por regra, evite as maiúsculas! Estas devem ser reservadas exclusivamente para nomes próprios (de pessoas, localidades, países, etc.), não antropomorfizando os conceitos («família» ou «escola» e nunca «Família» ou «Escola»).

Emprega-se a maiúscula inicial:

- no início de período, verso ou citação directa;
- nos nomes próprios, sobrenomes, cognomes ou apodos. No entanto, os nomes comuns que, reproduzindo nomes próprios de indivíduos reais ou fabulosos, indicam, figuradamente, pessoas com qualidades ou características desses mesmos indivíduos: um Apolo (de Apolo), um Hércules (de Hércules), etc.;
- nos nomes geográficos. Contudo, os substantivos que significam acidentes geográficos (arquipélago, baía, cabo, ilha, lago, mar, monte, península, rio, serra, vale) escrevem-se com inicial minúscula, mesmo que seguidos de especificação toponímica (arquipélago dos Açores, baía de Cascais, cabo da Roca, rio Tejo, serra da Boa Viagem, etc.); todavia, escrevem-se com inicial maiúscula se constituem com os topónimos que os seguem uma locução toponímica (Península Ibérica, Serra da Estrela, Vale de Cavalos, etc.);
- nos nomes que designam colectivamente povos, raças, tribos ou castas. Porém, usa-se inicial maiúscula quando não se faz referência a «um só» ou à «totalidade»: o Português tem fama de trabalhador; os portugueses residentes em França; todos os portugueses; os Portugueses falam um idioma derivado do latim; um português; muitos portugueses; etc.;
- nos nomes de entidades de religiões monoteístas e outros nomes relativos a crenças dessas religiões (Alá; Altíssimo; Criador; Demónio; Deus; Diabo; Espírito Santo; Anunciação; Providência; Inferno; Paraíso; etc.);
- nos nomes mitológicos (Adamastor; Júpiter; Musas; etc.);
- nos nomes astronómicos (Capricórnio; Estrela Polar; Lua; Marte; Sol; Terra; Via Láctea; etc.). No entanto, alguns destes nomes também têm forma de substantivo comum, e neste caso escrevem-se com minúscula inicial (Lua – planeta; lua – a luz da Lua, luar; Sol – astro; sol – luz ou calor do Sol; Terra – planeta; terra – solo; etc.). Sempre que se faz referência ao sol/Sol, há que distinguir se nos referimos ao astro em si (Sol, com maiúscula inicial; pôr do Sol; nascer do Sol) ou se o estamos a «personificar» (o sol está quente \cong está calor), ou ainda se nos estamos a referir aos efeitos produzidos por ele (pôr a roupa ao sol; bronzear-se ao sol);
- nos nomes pertencentes aos calendários de quaisquer povos, bem como eras, épocas ou séculos (Agosto, Ano Novo, Inverno, Natal, Páscoa, Pentecostes, Ramadão, Semana Santa, Idade Média, Quatrocentos, etc.). Certos nomes do calendário têm substantivos comuns correspondentes, que se devem escrever com inicial minúscula (Primavera – estação e primavera – ave; Fevereiro – mês e fevereiro – ave). Os dias

da semana escrevem-se com minúscula inicial (domingo, segunda-feira), mas, se formam uma locução, escrevem-se com inicial maiúscula (Domingo Gordo, Sexta-Feira Santa, etc.); contudo, conservam a inicial minúscula se o outro elemento é um substantivo (domingo de Ramos, quinta-feira de Ascensão, etc.);

- nos nomes de festas públicas tradicionais: Carnaval, Dionísias, Entrudo, Saturnais, etc.;
- nos adjetivos que, designando nacionalidade, naturalidade ou ideias afins, se juntam a nomes próprios (Amato Lusitano, Júpiter Olímpico, etc.);
- nos adjetivos que nomeiam pessoas de maneira vaga, fazendo as vezes de antropónimo (Fulano, Beltrano, Sicrano). Contudo, se se empregam como sinónimo de *indivíduo*, *sujeito*, *tipo*, etc., escrevem-se com inicial minúscula (este fulano, esse tipo, uns fulanos quaisquer, etc.);
- nos nomes de pontos cardeais e colaterais quando designam regiões: gente do Sul, o Leste da Europa, os portos de Sudoeste. Quando designam direcções ou se empregam como adjetivos, escrevem-se com minúscula inicial: vila situada a noroeste, vento do norte, latitude norte, vamos para sul, etc.;
- nos substantivos, adjetivos, locuções pronominais e reduções de locuções pronominais que constituem formas corteses ou reverenciosas de tratamento quando não acompanhadas de outra palavra a que se liguem directamente, ou quando estão directamente ligados a um ou mais nomes próprios ou a designativos de categoria, função, qualidade, etc., sendo estes escritos, igualmente, com inicial maiúscula (Senhor - Sr.; Excelência – Ex.^a; D. Maria; Ex.^{mo} Amigo; etc.). Quando uma expressão de tratamento deixa de ter o seu valor de cortesia ou reverência, usa-se minúscula inicial (o senhor, a senhora, etc.). Também se usa a inicial minúscula nas palavras que se interpõem entre uma expressão de reverência e o termo a que ela se liga (meu Ex.^{mo} e prezado Colega; a Ex.^{ma} Sr.^a sua Esposa; etc.). Quando se dirige a palavra escrita a uma pessoa, escrevem-se com iniciais maiúsculas os títulos e os designativos de categoria, função, qualidade, etc., que se referem a essa pessoa (meu caro Doutor; Ex.^{mo} Sr. Prof. Beltrano; etc.). Mas se forem escritos por extenso e não se referirem directamente à pessoa a quem se fala/escreve, usar-se-ão minúsculas iniciais (o doutor S.; o professor B.; etc.);
- nos títulos de livros, publicações periódicas e produções artísticas de qualquer género (quadros, estátuas, peças de teatro, filmes, séries de televisão, etc.). Não se usa inicial maiúscula em palavras monossilábicas, como artigos definidos e contracções ou combinações de palavras inflexivas, a não ser que figurem como primeiro elemento do título, mas escrevem-se com maiúscula inicial os artigos indefinidos e as palavras flexivas (*Sob os Ciprestes*; *Oração da Coroa*; *Agulha em Palheiro*; *O Romance de Um Rapaz Pobre*; etc.). Há elementos que se empregam sempre com maiúscula inicial, tais como «se», «si», «que» e os numerais (*Quando Se Amava Assim*; *O Homem Que Ri*; *Castigador de Si Mesmo*; *Prática de Oito Figuras*; etc.);
- nas palavras que servem de base a designações de vias, logradouros ou bairros: Rua da Palma, Travessa da Espera, Avenida da República, Campo das Cebolas, Rotunda, Rossio, Baixa, etc.
- nos nomes de ciências, ramos de ciências, artes e cursos quando servem de título a disciplinas ou títulos de disciplinas (a cadeira de Anatomia, a secção de Filologia Clássica, licenciado em Economia, 1.º ano de Direito, doutor em Letras, curso de

Pintura). Também as palavras que designam línguas, quando servem de título a disciplinas, ficam abrangidas por esta regra (cadeira/disciplina de Latim; tem boas notas a Português; chumbou a Matemática; etc.);

- nos nomes de corporações, agremiações, repartições oficiais, instituições e estabelecimentos de qualquer espécie (Secretaria de Estado, Ministério do Ambiente, Direcção Geral das Contribuições e Impostos, Presidência do Conselho de Ministros, Academia das Ciências, Escola Secundária Rainha D. Leonor, Embaixada de Espanha, Livraria Sá da Costa, etc.); embora os nomes dos cargos que lhes correspondem se escrevam com minúscula (secretário de Estado, ministro do Ambiente, primeiro-ministro, director geral, etc.), com excepções para o Presidente da República e Papa. Também se usa inicial maiúscula quando uma corporação ou agremiação, em vez de ser designada pelo seu nome, o for pelo plural do substantivo com que se designam os seus membros (os Agostinhos, os Jesuítas, etc.);
- em designações de edifícios ou partes deles, de construções arquitectónicas diversas, de moradias, de propriedades rústicas, ou em quaisquer designações similares dessas (Basílica da Estrela, Quinta das Lágrimas, Convento dos Capuchos, Capelas Imperfeitas, etc.). As palavras «igreja» e «capela» escrevem-se com inicial minúscula quando não são seguidas do nome do patrono (santo ou santa): igreja da Amadora, capela de Runa, etc.;
- nos substantivos que exprimem conceitos políticos ou religiosos de particular elevação, quando são empregues sinteticamente (a Nação – a nossa nação; o País – o nosso país; a Pátria – a nossa pátria; a Igreja – a igreja católica; a Religião – a religião Católica a Administração – a administração pública; a Fé – a fé cristã; etc.);
- nos conjuntos vocabulares que designam estados, organizações nacionais ou comunidades territoriais (Império Britânico, Principado do Mónaco, Grão-Ducado do Luxemburgo, República Argentina, Confederação Helvética, etc.);
- nas palavras de sentido espiritual ou moral a que se queira dar realce (a Justiça, o Direito, a Arte, a Ciência, etc.);
- nos nomes de ideias personificadas (Calúnia, Cobiça, Esperança, Ira, Medo, Inveja, etc.);
- nos substantivos em que um sentido se exprime por excelência: a Cidade (Roma), o Épico (Camões), o Mestre (Cristo), o Poema (*Os Lusíadas*), etc.;
- nas designações de factos históricos, acontecimentos importantes e empreendimentos públicos: Concordata, Descobrimentos, Guerra Peninsular, Reforma, Renascimento, 2.ª Grande Guerra, etc.;
- nas palavras que exprimem actos das autoridades do Estado (Lei de Meios para 1970; Portaria de 1 de Setembro de 1911; Portaria n.º 7117; Acórdão de 20 de Julho; Acórdão n.º 205; Decreto-Lei n.º 23011; Regulamento das Ordens Portuguesas, Código Civil; etc.). Quando qualquer destas palavras é citada sem ser seguida de data ou número, usa-se inicial minúscula. No entanto, escrevem-se com inicial maiúscula as palavras «código», «estatuto» e «regulamento» quando se referem a um documento identificado no texto.

As formas onomásticas, portuguesas ou aportuguesadas, que entram em palavras compostas do vocabulário comum, escrevem-se com inicial minúscula: água-de-colónia, tinta-da-china, folha-de-flandres, etc.

Cores

As cores simples podem ter a função substantiva ou adjetiva. No primeiro caso usa-se o masculino (o branco, o azul, etc.); no segundo caso concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere (capa preta, livro branco, capas pretas, livros brancos, etc.).

Tal como as cores simples, as cores compostas também podem ter a função substantiva ou adjetiva, havendo, no entanto, que atender às seguintes regras:

- os vários elementos das cores compostas são ligados por hífen (-): castanho-claro, amarelo-mostarda, azul-celeste, etc.;
- o último elemento das cores compostas, quando é derivado de um substantivo próprio, usa-se com inicial minúscula: azul-da-prússia, azul-maria-luísia, etc.;
- quando a cor composta tem função adjetiva, o último elemento dela, se é um adjetivo, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere, ficando o(s) primeiro(s) elemento(s) no singular: cor amarelo-clara, olhos castanho-escuros, saias verde-azulado-claras. Contudo, se último elemento for um substantivo, fica invariável: casaco azul-da-prússia, saias verde-garrafa, etc.;
- quando a cor composta tem função substantiva, os elementos que a compõem ficam no masculino: o azul-escuro, o verde-azulado, o cinzento-azulado-claro, etc.;

Versais e versaletes

Quando a palavra que antecede o numeral, e à qual este se refere, começa por letra maiúscula, a numeração romana usa-se em versais (D. Pedro I; João XXIII); quando começa por letra minúscula, usam-se os versaletes (século XX; capítulo XI; etc.).

Convenções de tradução

A regra base para a tradução é, sempre, respeitar o sentido e a forma do original. As regras de redacção em português devem ser aplicadas apenas e só quando não adulteram o sentido e/ou a forma do texto original.

Na tradução de originais de língua inglesa, os diálogos que vêm marcados com aspas/apóstrofes devem, por norma, ser «aportuguesados», ou seja, deve fazer-se uso dos dois pontos (:) e do travessão (–). Assim:

‘You couldn’t have a beastie, a snake-thing, on an island this size,’ Ralph explained kindly. ‘You only get them in big countries, like Africa, or India.’

tradução:

– Não podem existir feras nem coisas como cobras numa ilha deste tamanho – explicou benevolmente Ralph. – Só existem nos países muito grandes, como a África e a Índia.

Ainda quanto ao uso do travessão nos diálogos, salienta-se que quando este se usa para indicar uma «fala» do narrador, há que ter cuidado com a pontuação. Regra geral, a vírgula nunca surge antes do travessão, como surge no exemplo abaixo (onde se coloca a vírgula na posição errada):

– Espera, – disse ela – vou já.

O correcto seria:

– Espera – disse ela –, vou já.

O mesmo não se aplica ao ponto final (.), que pode surgir em qualquer das posições:

– Parecem miúdos! – exclamou ele desdenhosamente. – Portam-se como um bando de miúdos!

Ou:

– Reuniões. Adoramos reuniões, não é? Todos os dias. Duas vezes por dia. Conversamos. – Apoiou-se num cotovelo. – Aposto que se eu soprasse o búzio agora mesmo eles apareciam a correr. Então lá estaríamos nós, como sabes, muito sérios, e alguém diria que devíamos construir um avião, um submarino ou um aparelho de televisão. Quando a reunião terminasse trabalhariam cinco minutos e depois desaparecia tudo, ou iam caçar.

Quando a «fala» de uma personagem se estende por mais que um parágrafo, dever-se-á marcá-la com aspas invertidas, assim:

– Não – respondeu o Pintarroxo –, não creio que fosse muito distinto, excepto pelo seu bom coração e pela cara arredondada, morena e afável. Morava sozinho numa pobre casinha de campo, e todos os dias trabalhava no jardim. Em toda a região não havia jardim tão encantador como o dele. Nele cresciam cravinas, goivos, bolsas-de-pastor e saxífragas. Havia rosas-de-damasco e rosas amarelas, açafões lilases e cor de ouro, violetas roxas e brancas. E, segundo os meses e pela ordem natural, floresciam rosas silvestres e carmadinas, manjeronas e manjericões silvestres, primaveras e flores-de-lis,

narcisos e cravos-da-índia. Uma flor substituía a outra, de modo que havia sempre no jardim flores bonitas para ver e odores agradáveis para aspirar.

»O pequeno Hans tinha muitos amigos, mas o mais dedicado de todos era o corpulento Hugh, o Moleiro. De facto, o Moleiro, que era rico, era de tal forma dedicado ao pequeno Hans que nunca passava pelo jardim dele sem se inclinar sobre os canteiros e colher um grande ramalhete ou um punhado de erva-doce, ou encher os bolsos com ameixas e cerejas, quando era a época da fruta.

Se nessa «fala» a personagem relatar uma conversa, essa deverá ser marcada com apóstrofe:

»'Os amigos verdadeiros devem partilhar tudo', costumava dizer o Moleiro, e o pequeno Hans assentia com a cabeça e sorria, sentindo-se muito orgulhoso por ter um amigo com tão nobres ideias.

No entanto, esta matéria não é estanque nem pode ser tratada de forma rígida, usando um critério único. Assim, há casos de originais ingleses (no seu todo ou apenas partes) em que esta adaptação ao registo do diálogo «à portuguesa» não faz sentido, porque adultera o texto ou porque o «corta» demasiado. Sempre que haja dúvidas quanto a esta questão, dever-se-á contactar o editor e, em conjunto, decidir como proceder.

Regras tipográficas para divisão de palavras

- Não se deve dividir uma palavra pela primeira sílaba quando esta for constituída por uma só letra: a/narquia, o/posição, etc.
- Ao dividir uma palavra nunca devem passar para a linha seguinte apenas duas letras, mesmo seguidas de qualquer sinal de pontuação: deseja/do; amor/so; etc.
- A não ser em último caso, não se devem dividir palavras de duas sílabas: va/so; ma/mã; etc.
- A abreviatura «etc.» nunca deve formar linha quando feche um parágrafo.
- Nas palavras compostas onde haja hífen, a divisão deve fazer-se por ele, repetindo-se o hífen no princípio da linha seguinte: cabo-/-verdiano; fá-/-lo-á: etc.
- Não se deve dividir uma palavra entre duas vogais, a não ser em palavras compostas: hidro/eléctrica; etc.
- As abreviaturas que «falam» directamente para a palavra seguinte não se devem dividir (Ex.^{mo}. Sr./José ou Ex.^{mo}/Sr. José; §/5.º; n.º/1). O mesmo se aplica a números (100/000) e medidas (90/kg, 100/m).
- Não se devem dividir palavras de modo a darem origem a vocábulos sujos ou obscenos (ocu/par, etc.).

Regras tipográficas para composição de página

- Não deixar à cabeça de uma página uma linha quebrada, a não ser que forme um período (por exemplo, uma fala de um diálogo).
- Uma linha não deve terminar com ponto final seguido de palavra com apenas uma letra (A, O, E, É, À, etc.).
- Ao pé de uma página nunca deve ficar um título sem ser seguido, pelo menos, de três linhas de texto. Também à cabeça de uma página não deve haver menos de três linhas antes de um título.

Revisão de provas

Os sinais de correcção fazem-se em ambas as margens das provas. Empiricamente, as correcções a introduzir até o meio da linha são feitas na margem esquerda; e do meio da linha até ao fim, na margem direita.

As modificações a introduzir são colocadas à direita dos sinais feitos na margem esquerda; e à esquerda nos da margem direita.

Quando houver várias correcções a introduzir na mesma linha, as emendas marcam-se a partir do texto para fora, tanto numa margem como noutra.

Para alguma correcção menos vulgar ou mais elaborada, deve escrever-se na margem uma nota explicativa, havendo o cuidado de a circundar/sinalizar, para que o paginador não julgue que é uma frase a introduzir no texto.

Numa correcção em que se introduzam uma ou mais letras, em vez de se colocar o traço diagonal da chamada entre duas letras, corta-se uma delas e escreve-se à margem juntamente com a(s) letra(s) a introduzir.

Anexo 3 – Plano de Estágio



Plano de Estágio na Texto Editores, Lda.

de **Ana Sofia Ferreira de Pinho**,
aluna do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro

Outubro a Abril de 2010

sob orientação da Dra. Sara Esteves Wunderly Gomes de Almeida

Este Estágio, que decorrerá na sede da LEYA, em Alfragide / Lisboa, visa proporcionar à Estagiária a possibilidade de aquisição de competências práticas em vários sectores da actividade editorial, complementando assim a formação teórica que já adquiriu em diferentes áreas, ao longo do Curso de Mestrado em Estudos Editoriais. A realização deste Estágio implica uma integração, tão abrangente quanto possível, da Estagiária na referida empresa, onde desempenhará responsabilmente, de forma produtiva e útil, as diversas tarefas que lhe foram atribuídas, sob devida orientação. Após a necessária introdução da Estagiária na organização e dinâmica da Texto Editores (LEYA), a Estagiária desenvolverá as actividades que a seguir se enumeram, podendo naturalmente desempenhar outras que se vierem a proporcionar ou a tornar necessárias.

Revisão e tradução

- Trabalho com provas, que incluirá familiarização com termos técnicos, revisão de texto, controlo da paginação e iniciação a procedimentos formais.
- Revisão de traduções (inglês-português) em vias de publicação.
- Tradução de passos de recensões literárias a incluir nas capas de livros.

Compra de direitos de autor

- Familiarização com procedimentos ligados à compra de direitos de autor estrangeiros e ao contacto com agentes literários.
- Consulta de *sites* com contactos de agências literárias e de outros com informação relevante sobre edição na actualidade.

Análise de propostas editoriais

- Formação ao nível da análise de propostas editoriais: questões de critérios de escolha, apreciação de conteúdos, designadamente de qualidade de conteúdos, de enquadramento de mercado, de enquadramento nas linhas editoriais da empresa, de oportunidade sociopolítica e cultural, entre outros factores.
- Análise de comportamentos do público e do mercado.
- Estudo de factores que poderão contribuir para o êxito/fracasso maior ou menor de um livro: temática, oferta já existente, *marketing* utilizado, etc.
- Configuração de estratégias com ajuda da análise de resultados da concorrência.
- Redacção de pareceres.

Comunicação e *marketing*

- Pesquisa e divulgação interna de informação na imprensa especializada, sobretudo estrangeira, designadamente sobre o mercado do livro a nível internacional.
- Iniciação ao trabalho prático com materiais de *marketing*, tais como cartazes, folhetos, marcadores de livros e expositores.
- Iniciação prática a estratégias de *marketing* e promoção na Internet, tais como *blogs*, *sites*, *passatempos*, etc.
- Pesquisa de notícias e notas sobre o mercado editorial na Internet.
- Acompanhamento actividade literária em *blogues* sobre o mundo editorial.

Produção – o objecto livro

- Introdução prática a aspectos relacionados com o objecto livro, ao nível do formato, papel, acabamentos.

- Acompanhamento dos trabalhos de pré-produção (paginação, revisão)
- Apreciação de design de capas, tendo em conta, entre outros aspectos, a adaptação das mesmas ao público-alvo do livro.
- Acompanhamento dos trabalhos de produção (impressão e acabamento)
- Se possível, visita a uma gráfica.

Investigação da recepção pelo público-leitor e pela crítica, bem como dos resultados comerciais

- Pesquisa na imprensa e na Internet de artigos e resenhas sobre livros publicados pela Texto Editores.
- Apreciação e interpretação dos resultados comerciais.